

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA – UHCG
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**AMOR “VOLÚVEL” E “VIOLADO”: ESTUDO SOBRE AS SENSIBILIDADES
AMOROSAS NA CONTEMPORANEIDADE.**

Érika Rafaelle de Pontes Guimarães

**CAMPINA GRANDE – PB
2008**

Érika Rafaele de Pontes Guimarães

**AMOR “VOLÚVEL” E “VIOLADO”: ESTUDO SOBRE AS SENSIBILIDADES
AMOROSAS NA CONTEMPORANEIDADE.**

Monografia apresentada à Unidade Acadêmica de História e Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, para obtenção do título de Licenciatura Plena por Érika Rafaele de Pontes Guimarães, concluinte do período 2008.1. Orientadora: Ms. Silêde Leila Oliveira Cavalcanti.

CAMPINA GRANDE – PB

2008

TERMO DE APROVAÇÃO
Érika Rafaelle de Pontes Guimarães

**AMOR “VOLÚVEL” E “VIOLADO”: ESTUDO SOBRE AS SENSIBILIDADES
AMOROSAS NA CONTEMPORANEIDADE.**

Monografia apresentada à Unidade Acadêmica de História e Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, para obtenção do título de Licenciatura Plena em História por Érika Rafaelle de Pontes Guimarães, concluinte do período 2008.1. Orientadora: Ms. Silêde Leila Oliveira Cavalcanti.

EXAMINADORES

Profª Ms. Silêde Leila Oliveira Cavalcanti (Orientadora)

Profª Drª Regina Coeli Gomes do Nascimento

Prof. Dr. Alarcon Agra do Ó

Campina Grande – PB
2008



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2023.

Sumé - PB

Na liquidez da vida, nos percalços dos
sentimentos, o encontro de corpos
encontra-se além dos limites da
razão... Assim, dedico a vós: M^a da
Glória e Mauro (pais) e Marcos
Antônio (noivo) este fragmento de
pensamento.

“A gente começa a ser feliz quando é capaz
de rir da gente mesmo.”

Aristóteles Onassis

AGRADECIMENTOS

Dentre uma infinidade de vocábulos, dialetos... destacarei neste momento apenas uma que ao meu ver, sintetiza o que estou sentindo neste momento; é o termo GRATIDÃO; palavra de significado sublime, pois em poucas letras que se entrelaçam, exprime um sentimento de afetividade que poucos seres humanos conseguem contemplá-la e/ou reconhecê-la. Eis o gesto que poucos conseguem exteriorizar!

Porém, apesar da frenética e por muitas vezes desgastante, mas prazerosa vida devemos parar por alguns minutos e, no silêncio do coração contemplar no nosso pensamento os homens e mulheres que de alguma forma, fazem ou fizeram partes de nossa caminhada neste mundo de "tempestades", mas, também de "límpidos dias de sol"; e tentar de alguma forma agradecer-los!

Assim, neste espaço tão singular, quero expor o devido e especial reconhecimento às pessoas que nos seus gestos, palavras...e até silêncio, me ajudaram a concretizar sonhos... A vencer mais este desafio!

Primeiramente quero agradecer ao meu bondoso Deus, que na sua infinita glória me mostrou que o verdadeiro significado da vida é persistir nos seus sonhos, e acreditar sempre na sua companhia, pois é, nos momentos de aprovação que Ele te carrega no colo!

Aos meus amados pais, Maria da Glória e Mauro Guimarães, que no aconchego de seus braços me senti protegida... no expressar de suas palavras a confiança...nos seus gestos, o exemplo de caráter a ser seguido!

Agradeço também ao meu querido e travesso irmão Tiago Pontes, que mesmo indiretamente esteve do meu lado, apoiando-me e confiando na minha vitória...!

Ao homem que Deus colocou na minha vida, para mostrar-me o verdadeiro significado da palavra "Amor"! A te meu amado Marcos meu especial obrigada por estar sempre presente na minha vida, acreditando no meu potencial e torcendo por minha felicidade.... AMO-TE!

Não poderia neste momento, deixar de expressar minha gratidão aos meus eternos "professores e professoras" – Alarcon Agra do Ó, Durval Muniz, Luciano Mendonça, Zenon, Antônio Clarindo Souza, Herry Charriery, Fábio Gutemberg (in

memorian), Eronides Donato, Liége Freitas e Regina Coeli. Homens e mulheres que no decorrer destes anos de aprendizagem, fizeram-me ver o quando a palavra "História" exprime saberes... e amplia horizontes!

Contudo, não poderia deixar de destacar dentre estes, o meu especial agradecimento a minha sábia orientadora – Prof^ª Silêde Leila – donde, diante dos textos contemporâneos ao qual ela nos apresentava, pude vê que História é também o hoje; e que trabalhar a sensibilidades é uma forma de expor nossas sensações, ou seja, é tornar-se também personagem deste mundo líquido, ou como diz ela – quase gasoso!

Não poderia deixar também de agradecer a todos os amigos e amigas que cultivei aqui e em outros espaços de convívio, pessoas que a partir de seus olhares, me possibilitaram enxergar que o conhecimento pode ser visto/sentido a partir de múltiplos entendimentos, ou seja, pode ser multicolorido! Márcia Donato, Antônio Marcos (mais conhecido com "delícia"), Janaina, Lenilson (amigos/companheiros (as) da Ufcg); Milena, Cibele, Larissa, Wellington, Suênia, Vagner, Igor, Diego (companheiros (as)/amigos (as) do curso de Direito) e Aluska Aleixo (amiga de longas e engraçadas datas) ... a todos meu muito obrigada! Vós sabeis que nossa amizade é peculiar.

RESUMO

Este trabalho acadêmico teve como objetivo analisar as sensibilidades amorosas na contemporaneidade, esta, a partir da imagem de liquidez e fragilidade das relações afetivas na sociedade pós/hipermoderna. Utiliza-se, como referencial teórico, autores como Zygmunt Bauman, Gilles Lipovetsky e Jurandir Freire no intuito de melhor discutir as multifacetadas do amor. Para melhor visualização da problemática em destaque, foi aproveitada como campo de investigação salas de bate-papo virtual (chats) e sites de relacionamentos. A análise destes veículos midiáticos corroborou nos pressupostos levantados inicialmente e, por conseguinte aos que surgiram durante a pesquisa, mostrando-se assim, que tal temática ainda é um rupestre por ser decifrado.

Palavras-chave: Amor, Hipermodernidade, Relações Virtuais.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.	p.10
CAPÍTULO I – ENTRE PLÁSTICOS E “RES” ORGÂNICAS: A DUBIEDADE DAS SENSIBILIDADES NA CONTEMPORÂNEIDADE.	p.13
1.2 DENTRE O ABALO E O SERENO: O ESTUDO DAS SENSIBILIDADES NA CONTEMPORANEIDADE.	p.14
1.3 AS FACES E OS DISFARCES DO IMAGINÁRIO AMOROSO.	p.22
CAPÍTULO II – O AMOR INTRÍNSECO A UMA “TEIGA” VIRTUAL DE SENSações AMOROSAS.	p.35
2.2 ANTES DAS SENSIBILIDADES... A INTERNET SE APRESENTA.	p.36
2.3 AS RELAÇÕES AMOROSAS... VIA INTERNET.	p.39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.	p.51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.	p.53

INTRODUÇÃO

Envolto numa paisagem qualquer; aquela que sua imaginação o levar, dois amantes (mais poderiam ser três, quatro...mil) respiram ofegante o desejo que os tomam... e finalmente, o suspiro final do êxtase! Mistura de prazer, alegria e frustração (porque quem sabe terminou rápido demais); campeiam e colorem o imaginário amoroso destes seres contagiados por tal sentimento. Delírio ou realidade? Quem poderá responder? A única coisa que se sabe, é que tal “folhetim” poderá estar acontecendo neste instante, em alguma parte deste mundo!

Diante de tal relato destaca-se um sentimento que para alguns que dele deixam se levar é “personagem” principal; para outros é apenas quoadiujuvante! Mas que em suma, são tomados de alguma forma mesmo que breve, por ele. Eis o amor, selecionador dos eleitos do coração. Dentre tantos rostos escolhem aquele (a) (aqueles e/ ou aquelas); ao qual quer trocar angústias, desejos, alegrias... em fim, com que quer se conectar!

Neste contexto, o Amor torna-se “volúvel” a percepções variadas, por vezes ele se apresenta aos nossos olhos, “divino”, ou seja, transcendente as nossas vontades ligada diretamente ao Ser Criador, único capaz de nos apresentar o amor verdadeiro – o imaculado. Noutros momentos este mesmo amor se mostra aos nossos olhos, lascivo, ou seja, humanamente sentido. Mas este mesmo amor as vezes (que não são poucas) nos mostra seu lado romântico – único, infinito e glorioso – ao qual, ainda reluz!

Perante tal versatilidade, o amor do século XXI vê-se violado, não na acepção negativa da palavra, mais este no sentido de ser percebido e refletivo noutros campos de saber – Psicologia, Sociologia, História – e, por conseguinte, possível de ser sentido em novos locais de encontros e desencontros. Vemos em foco as sensibilidades e a Internet!

O amor “volúvel” e “violado” tomou meu olhar (haja vista que, já tinha tomado meu coração apaixonado) de estudante do curso de História, mostrando-me que as sensibilidades não estão resumidas a sensações e/ou percepções do vivido, mais a uma possibilidade dentre tantas; de refletir, discutir, problematizar a história contemporânea.

O leitor assim encontrará neste fragmento de pensamento, uma despreziosa visão do estudo das relações amorosas na contemporaneidade; um diálogo bibliográfico com teóricos (já que é assim que a academia os nomeia), que dado as suas indagações apresentam em seus textos, discussões quanto ao momento ao qual fazemos parte e suas possíveis influências na forma de amamos. Dentre estes destacarei primeiramente Guilles Lipovestky e sua discussão quanto à hiper adjetivação do moderno e, por conseguinte, do gênero e porque não do amor. Pois, o ideal de Super, em sua visão não comporta mais a flexibilização e fragmentação das concepções e conceitos existentes de hipernacisismo, hiperconsumismo e hipermoderno.

O segundo teórico ao qual utilizo para reflexão das sensibilidades amorosas na contemporaneidade é o sociólogo Zygmunt Bauman. Tal pensador apresenta-nos um lado até então não percebido (ou não refletido como deveria) das relações afetivas da sociedade pós/hipermoderna, que será a liquidez do amor e suas conseqüências nas relações amorosas estas segundo ele – voláteis moduláveis... ou seja, ambivalente!

Por fim, destaco nos rabiscos que estão por serem vistos o psicanalista Jurandir Freire Costa, com o qual pude refletir sobre o ideário de amor romântico e como esta percepção é (re) vivida neste momento de relações líquidas; afinal de contas, os poemas, as mensagens fonadas, as mensagens de amor ao vivo e os sites de relacionamento, bem como os “chats”, estão aí propagando de forma mais dinâmica este ideário de amor a La século XXI.

Para melhor discuti todo esta “teiga” – cesto – de pensamentos, dividi este trabalho acadêmico em dois momentos. O primeiro intitulado por: “Entre plásticos e “res” orgânicas: a dubiedade das sensibilidades na contemporaneidade.”, no qual procuro fazer uma discussão teórica, a priori sobre o historiador(a) /pesquisador(a)/ autor(a) e a História das Sensibilidades, esta como mais uma possibilidades dentre tantas, de discutir historiograficamente temáticas que até então não bem eram vistas pela historiografia “tradicional”; destaco dentre elas o Amor.

No segundo momento, ao qual nomeei como: “O amor intrínseco a uma “teiga” virtual de sensações amorosas.”; procuro apesar dos riscos existentes (os quais, não foram poucos); refletir como o pensamento de Bauman sobre a liquidez das relações amorosas pode ser vista a partir do meio virtual, mais precisamente nos sites de relacionamentos e salas de bate-papo; questionando na medida do

possível, como estes locais tornaram-se uma nova possibilidade de relacionar-se, ou seja, local a mais para tentar-se conectar. Contudo vale ressaltar, que apesar das personagens não terem sido postas a amostra, deter-me a analisar as estruturas destes locais virtuais, e por conseguinte, verificar se o ideário de amor romântico ainda se faz presente no imaginário dos enamorados contemporâneos, mesmo que por alguns anos, dias, minutos...! Afinal, como bem diz o poeta – “que seja eterno enquanto dure”!

Diante deste mosaico polimorfo de pensamentos sobre o amor, vejo, toco e sinto que uma pesquisa sobre tal foco é uma empreitada difícil, arriscada... por vezes até temível! Isto porque, meche com vara curta, nossas concepções, ideais mais íntimos quanto à imagem que construímos sobre o amor no decorrer de nossa existência. E como bem diz Del Priore (2006:15) com o amor “trabalhamos com restos e fiapos de informações.”

Contudo, este mesmo arriscado exercício da pesquisa mostra-se sedutora, pois refletir sobre o amor e suas multifacetadas, nos conduz a pensar como é bem mais cômodo para o historiador (a) discutir o que estar longe, ou seja, é bem mais fácil manter-se distante (para não dizer neutro) do que não viveu, do que, do que estar vivendo. Mas qual historiador (a)/ pesquisador(a)/autor(a) consegue neutralizar-se dos contornos que sua pesquisa lhe põe a amostra? Pois lhes respondo, eu não consegui!

Assim, vejo o quanto foi bom não ter permanecido distante do que a pesquisa me apresentava, pois desta forma pude crescer como mulher que ama; como estudante e produtora de pensamento e por fim, como professora, a qual dilui entre seu alunado um conhecimento que não estar findo, mais que, estar apenas dando seus primeiros passos!

Sendo assim, começemos nossa caminhada neste fascinante e ambíguo “mundo” do Amor! E espero que vocês ao lerem as linhas que seguem, também sejam tomados por tal sentimento, como eu fui!

CAPÍTULO I

ENTRE PLÁSTICOS E “RES” ORGÂNICAS: A DUBIEDADE DAS SENSIBILIDADES NA CONTEMPORÂNEIDADE

“As flores de
plásticos não morrem”.
(Titãs)

“A importância do sensível na vida
anda junto com a importância do
sensível no pensamento”
(Michel Maffesoli)

Em meio às dúvidas e devaneios, em meio aos conflitos existenciais que nos acompanham ao longo de nossa existência terrena, em meio aos plásticos e as “res” orgânicas, onde, ao serem deixados de lado representam resquícios do que consumimos no nosso dia-a-dia; a sociedade contemporânea mostra-se dúbia, fragilizada e vulnerável ao “modelo” (se assim posso referir-me) em que se vive cotidianamente; onde ser moderno ou pós/hipermoderno “é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo que temos, tudo que sabemos e tudo que somos.”¹

Diante disto, e na contingência em que nos deparamos, às sensibilidades afloram e desabrocham, exalando aromas de pluralidade de identidades o que, por conseguinte, repercutem nos tablados comportamentais que diariamente realizamos e vivenciamos (trabalho, estudo, amor, sexualidade), mostrando-nos a dimensão dos percalços que colocamos diante de tais ritos subjetivos que de alguma forma (positiva e/ou negativamente) vivenciamos no arrolar de nossa existência.

E neste singular mosaico de questões que “sentimos na pele” que estudar a cerca das sensibilidades amorosas/sexuais na contemporaneidade não é uma tarefa

¹MARSHAL, Berman **Modernidade ontem, hoje e amanhã**. In: _____. Tudo que é sólido se desmancha no ar. São Paulo: CIA das Letras 1999, p.15.

simplória; plausível de ser discutida a partir de uma olhar homogêneo ou se preferir romântica, maniqueísta...quem sabe até mesmo nebulosa! Mas deve ser contemplada e, por conseguinte, problematizada a partir da visão polimorfa que permeia a sociedade pós-moderna; onde as avenidas/ruas/ruelas sociais são ladrilhadas de pedras multicoloridas e, por conseguinte, de sentimentos líquidos, fluidos, moduláveis, voláteis...e sendo assim, por estarem presentes mesmo que de forma camuflada ou transparente, acabam de alguma forma sendo abstraídos no desenrolar de nosso convívio social.

Por tal reflexão, nota-se que estudar a configuração das sociedades pós e/ ou super/hipermodernas e como estas repercutem no campo das relações afetivas é extremamente necessário, já que é, a partir de tal problematização que conseguiremos compreender melhor as p(l)raticidades das sensibilidades contemporâneas.

Nesta propositura, buscaremos neste capítulo inaugural expor aos leitores de forma analítica, as problemáticas que se afloram nas “res” plásticas e/ou orgânicas existentes nos discursos de tal temática, desatando-se se possível, os “nós” existentes nas redes das relações afetivas; conseqüentemente despindo-as dos abalos...!

1.2 DENTRE O ABALO E O SERENO: UMA CONSTRUÇÃO HISTORIOGRÁFICA EM MEIO AS SENSIBILIDADES.

Diante de situações complexas, ímpares... em que a vida nos conduz, o “medo” nos limita e nos mostra um lado nebuloso do viver, expondo-nos a sensações ambíguas, confusas (quem sabe até mesmo nostálgicas), onde imbuídos de tais percepções nos fechamos como “lagartas no casulo” (mesmo que temporariamente), no intuito de proteger-nos deste “novo” momento do existir/fazer...mas que no momento não tão longínquo, virá a se tornar uma suntuosa e formosa “borboleta” do conhecimento!

Eis a sensibilidade que nos toma, nos “mascara”... diante da produção acadêmica (monografia) no término do curso de graduação.

Neste diapasão, antes de irmos ao sereno da temática (se é que existe tal serenidade) há a necessidade de neste espaço singular expor *a priori* o abalo que toma, veste e se faz presente no historiador/pesquisador/autor ao produzir

questionamentos que serão fios condutores (pelo menos deveriam ser) de sua produção textual, e é neste contexto que, os mal-estares de ter que começar/analisar/produzir, tornam-se presentes no espaço do saber de quem se propõem a expor aos *outros* seus pensamentos e suas sensibilidades dos quais iram se deleitar!

Sendo assim, “ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo começo possível”², pois desta forma, a (re) formulação de certos preceitos seriam a princípio - burladas, solapadas...!

Mas, como bem enfatiza Michel Foucault “é preciso continuar, é preciso pronunciar palavras enquanto as há (...)”³ é preciso desconstruir os mal-estares, que foram emersas e que se vêm tomadas, trituradas, pela necessidade de se exteriorizar o que discutimos no arrolar do nosso “mundo”⁴ acadêmico.

Neste sentido, o interesse de atuar, de se produzir, de (re) modular idéias corrói nosso corpo (até mesmo nossa alma); fazendo-nos repensar sobre as pegadas deixadas sub-repticiamente nas *areias* dos espaços- saberes; locais onde os discursos circulam e renovam-se como um sistema nervoso⁵: nos prosaicos e dúbios “órgãos” do pesquisador; gestando assim, concomitantemente, a (re) significação dos saberes e valores abstraídos no nosso cotidiano.

Sendo assim, partindo deste pensamento pode-se compreender que:

As pegadas daqueles que construíram o cotidiano do tempo que se passou são novamente repisadas pelos que fazem as trilhas do hoje, mas estas pegadas dos seres humanos de presente são marcadas pelos condicionantes de seu tempo e os sonhos de um amanhã; são construções e reconstruções

² FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso – Aula Inaugural no Collège de France Pronunciada em 2 de dezembro de 1970**; - Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio, São Paulo:Edições Loyola, 1996, p.5

³ Idem, p. 6.

⁴ O mundo a que me refiro, não resumisse a instituição acadêmica – UFCG – mas a todos a que a compõe: alunos, professores, administradores... Fragmentos de um contexto sócio-educacional; onde o pensar e (re) produzido é vivenciado intensamente a cada dia.

⁵ Ao utilizar tal terminologia procuro fazer uma analogia entre a circulação dos discursos e o sistema nervoso dos seres humanos, que igualmente ao “oxigenar”, isto é, ao dá novos ares aos órgãos/pensadores, expiram gás-carbônico dos questionamentos e da problematização; no que se referem aos conceitos, princípios... e idéias. Quanto aos prosaicos e dúbios órgãos, estes podem ser pensados como os incalculáveis lugares aos quais passamos e perpassamos, dentre eles podemos citar: as escolas, as igrejas, os bares/restaurantes, as boates, os shoppings, as ruas/ruelas – avenidas, a casa, o trabalho, as festas, as praças, bibliotecas...

das ações humanas engendradas pela relação que o ontem, o hoje e amanhã proporcionam e nos fazem viver o presente construindo o dia seguinte.⁶

Diante disto, eis que se destaca o historiador/pesquisador/autor, dotado de questionamentos e considerações, que por mais discutidos que sejam (ou pareçam ser) não são capazes de suprir os levantes de debates produzidos pelos discursos já que estes são, “(...) ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”⁷. Ou seja, realiza-se um embate comunal entre o que digo (ou proponho a dizer) como leitora/pesquisadora/autora e o que se gera após a investigação de determinado tema. Pois papéis e lugares são por muitas vezes “maquiados” e determinados na *teatralidade* da produção historiográfica.

E para se compreender tais conflitos, Foucault expõe:

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta o poder do qual nos queremos apoderar.⁸

Assim, pode-se notar que a produção historiográfica utiliza-se de uma cadeia de discursos para dá significado a pesquisa; este que, por muitas vezes, é vislumbrado como findo, completo, acabado...! Mais, que na verdade, são infinitamente propícios a novas e renovadas interpretações exteriorizadas a partir da renovada construção historiográfica.

Eis o que presenciamos e vivemos neste instante!

Neste sentido, a historiografia pode ser vislumbrada como a (re) construção dos discursos/lingüísticos intertextuais e multifacetado; dotados simultaneamente de

⁶ MAGALHÃES JUNIOR, Antonio Germano. **O Historiador: suas escolhas teóricas e a utilização da oralidade e da memória como linguagem da História.** In: _____ & VASCONCELOS, José Gerardo (orgs). *Linguagens da história*, Fortaleza:Imprece, 2003, p.33.

⁷ FOUCAULT, Michel. *op. cit.*, p.08 e 09.

⁸ Idem, p.10.

significantes e significados, os quais lhe proporcionam uma infinidade de dizeres (re) formulada a partir de outros olhares- ligados estes, há um tempo e espaço; onde “o ato de ler e interpretar passa pela ação de uma espécie de ‘filtros seletivos’, que (...), em contato com o que se lê, fazem seleção baseada na constituição de nossas vontades e interesses do momento em que se exercita o ato interpretativo da leitura.”⁹

O que se percebe é que a história diante das mascaras teatrais dos questionamentos/ discursos, acaba por depende dos cinco sentidos (visão, audição, olfato, tato e paladar) - e quem sabe até mesmo do sexto sentido: *á sensibilidade* (dor, medo, esperança, amor, paixão, desejo, saudade, solidão, culpa...) - de quem o questiona e problematiza; já que o historiador de forma ou de outra acaba, pois, “inspirando” (este no sentido de se apropriar), conceitos e interpretações de outrem, e expirando literariamente renovadas interpretações subjetivas.

Assim, vejo e sinto que, como historiadora/ pesquisadora/ autora passo a deparar-me com uma realidade paradoxal, o de criar pensamentos singulares, mas ao mesmo tempo, o de repetir comentários, que na verdade não são mais que um “sonho lírico de um discurso que renasce em cada um de seus pontos, absolutamente novo e inconsciente, e que reaparece sem cessar, em todo frescor, a partir das coisas, dos sentidos ou dos pensamentos.”¹⁰

Presencia-se hoje um afloramento das sensibilidades refletidas com o caráter multidisciplinar da Historiografia contemporânea, onde o diálogo com outros saberes lhe possibilita uma produção/pesquisa “(...) mais acessível, mais ousada e menos presa a convencionalismos ditos científicos”.¹¹ Sensibilidades estas que vão além da dicotomia profissional/acadêmica, elas perpassam caminhos que para nós tem-se em dados momentos, conotações nebulosos, isto é, difíceis de serem compreendidos (se é que querem ser realmente entendidos/codificados), noutros momentos possui em suas nuances o brio, a limpidez de sentimentos alvejados e brilhantes... Ambas as sensações - apesar da ambigüidade - presentes no nosso imaginário de historiador/ pesquisador/autor.

⁹ MAGALHÃES JUNIOR, Antonio Germano. *op. cit.*, p.35.

¹⁰ FOUCAULT, Michel. *op. cit.*, p.23.

¹¹ PAIVA, Eduardo França. **Introdução: Renovação na historiografia e na sala de aula.** In: _____. História & Imagem. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2002. p.11.

Eis a História das Sensibilidades que tomam a produção historiográfica na contemporaneidade, que por suas particularidades – uso de outras ferramentas do saber: Psicologia, Sociologia, Antropologia, Literatura; que repercutem na análise de temáticas até pouco tempo vistas como efêmeras, insignificantes – acabam por sofrerem questionamento pela própria historiografia tradicional, no qual, é indagada se dado as suas nuances sensíveis tratara ela de um novo olhar ou fizera parte de uma construção histórica? Indagações que por muitas vezes é posta ao silêncio!

Neste diapasão, questionamentos a parte, o que se sabe hoje é que o papel do historiador vai muito além de interpretar o vivido, pois além de ser um observador, é também testemunha do seu tempo – enfatiza Frédérique Langue, e sendo assim, “o efêmero, o insignificante revestem agora singular importância: o irrisório, o ‘invisível’, o não-visto, assim como a maneira de não compreender, desconhecer ou mesmo apagar certos aspectos do passado, paixões esquecidas, afetos desaparecidos, ambientes sonoros.”¹²; ganham espaços/importância para esta nova construção/produção historiográfica, mesmo porque, “por sermos seres de memória, por lembrarmos, mantemos com o tempo uma relação particular, uma relação não apenas racional, mas sensível, não apenas objetiva, mas subjetiva, uma relação marcada pela aceitação e pela repulsa.” expõe Durval Muniz Júnior¹³ ; neste contexto, sumariamente líquida!

Assim, as Sensibilidades tomam a História, e a História toma as Sensibilidades, haja vista que, neste campo de sentimentos e sensações “gestos, expressões faciais, movimentos e posturas corporais, tons de voz comportam mensagens sobre estados emocionais reativos, em sua grande maioria.”¹⁴; tornam-se para o historiador/pesquisador/autor, campo de análise e problematização das subjetividades que vestem as evidências deste “mundo sensível”¹⁵.

Neste sentido, explicita Fleck:

A dimensão do mundo sensível não se rege por leis, regras ou razões, mas pelos sentimentos e pelas emoções que se traduzem externamente e que se

¹² LANGUE, Frédérique. **O Sussurro do tempo**. In: ERTZOGUE, Maria Haizenreder & PARENTE, Temis Gomes *et alii* (orgs). História e Sensibilidade. Brasília: Paralelo 15, 2006, p.27.

¹³ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **As sombras do tempo**. In: Idem, p.118.

¹⁴ Eliane Cristina Deckmann FLECK . **Cartografia da sensibilidade**. In: Idem, p. 218.

¹⁵ Conceito utilizado por Eliane Cristina Deckmann Fleck para discutir importância das sensibilidades na construção historiográfica.

materializam em registros que permitem a apreensão dos seus significáveis, logo passíveis de serem resgatados pelo historiador.

O historiador precisa, pois, encontrar a tradução das subjetividades e dos sentimentos em materialidades, objetividades palpáveis que operem como a manifestação exterior de uma experiência íntima, individual ou coletiva. Tais marcas de historicidade – imagens, palavras, textos, sons, práticas – podem ser nomeados como evidências do sensível, da experiência sensível de viver e enfrentar o real e o não real.¹⁶

E é neste contexto do “mundo sensível” da pesquisa que se destaca o Amor-Paixão/Sexo, basilares do frenético viver a dois, a três... Ou só! Que transitam na individualidade e reflete-se na subjetividade onde “as discussões deslocam-se da identidade feminina e masculina para as subjetividades múltiplas e não unificadas, devendo, a própria noção de identidade ser historicizada e problematizada junto à imagem de interioridade é a essência que a constituía. (*sic*)”¹⁷

Desta forma, ladrilha-se em meio aos discursos um mosaico de sensibilidades - multicoloridas e multiformes - os quais propiciam aos que dele se deleitam, numa *voluptuosa e frenesi* embate de idéias, conceitos, princípios... edificados subjetivamente no nosso diálogo difícil, tenso e ambivalente entre a complexidade polimorfa das experiências dos gêneros. Assim se “constrói uma ação que cria e recria, transforma e re-significa (*sic*), provocando rupturas ou permitindo a continuidade e a legitimação das idéias predominantes.”¹⁸

Desta maneira, nota-se que o mundo contemporâneo no qual vivemos nos remete a sentimentos ondulais, isto é, a expressões corpóreas e psíquicas (ou quem sabe até mesmo espirituais) que se conflitam com os ditames de um mundo pós – moderno, onde a subjetivação das coisas, pessoas, comportamentos, sentimentos imperam na (re) modulação de identidades em momentos singulares e específicos da nossa vivência social onde, “entrar em sintonia com a plasticidade das coisas. Captar o dinamismo interno dominante na vida social é certamente a chave para que

¹⁶ FLECK, Eliane Cristina Deckmann. **Cartografia da sensibilidade**. *op. cit.*, p. 219.

¹⁷ MATOS, Maria Izilda Santos de. **Por uma história das sensibilidades: em foco - a masculinidade**. p. 48. Texto disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/view/2658/2195>.

¹⁸ Idem, p. 50

se possa admirar a surpreendente mudança os costumes nas sociedades contemporâneas.”¹⁹

Neste sentido, pode-se notar que a contemporaneidade social nos envolve em sua teia de significados e de multiplicidades culturais onde, as experiências, as sensibilidades e as identidades geram fragmentações e pluralizações de interpretações; neste diapasão, a polarização maniqueísta de pensamentos e de discursos - redenção/apocalipse, bem/ mal, literária/catástrofe - que barganham a fluidez dos sentimentos, tornando-nos reféns do nosso cálice existencial.

A “metamorfose” do sujeito pós e/ou hipermoderno, visto agora, como ser heterogêneo no qual, expõe sua multiplicidade de identidades arroladas na liquidez social, traz imbuído em suas partículas moleculares um embate próprio na busca do seu próprio entendimento existencial, já que, se encontra tomado, possuído e imbuído pela multiplicidade de insígnias, de caracteres próprios, afligindo-o por verificar que, por muitas vezes dominamos menos do que somos dominados nas infinitas áreas de convívio social, destaca Maffesoli, o qual complementa:

Seria um processo de desapossar-se, desapossar-se de si, levando de certa maneira a ser possuído pelo outro. O outro que é o outro do grupo (...), mas também ser possuído pelos objetos que se acredita possuir (...). Observem como somos possuídos pelos objetos, até mesmo quando supostamente mantemos distância. (...). Na verdade, a capacidade de um sujeito que age sobre um objeto era próprio fundamento da relação com o outro e da relação com a natureza. Mas uma verdadeira mudança está ocorrendo justamente na passagem do desapossar-se de si ao ser possuído pelo outro. Está havendo assim uma verdadeira inversão.²⁰

O vê-se no olhar do outro, o sentimento “*carpe diem*” que modula nossa existência, onde o imediatismo, o dinamismo, a objetividade ditam as regras do ser humano Hiper-adjetivado (hiper-mulher, hiper-homem), seja no campo profissional ou no campo afetivo, toma dimensões nunca vistas. Nota-se, a partir, das reflexões feitas, que o Ser- Humano Super não mais comporta a dimensão e a frivolidade de se viver em meio à hipermodernidade.

¹⁹ MAFFESOLI, Michel. **O retorno das emoções sociais**. IN: SCHULER, Fernando & DA SILVA, Juremir Machado (orgs). *Metamorfoses da cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2006, p. 38.

²⁰ Idem, p.32

E é neste meio líquido, fluido, modulável que o estudo das sensibilidades busca a significação de tais impasses psíquicos e corpóreos, visto que, em meio à metamorfose da pós-modernidade, os sentimentos as sensações acabam repercutindo no entendimento e na construção das idéias e ideais sociais, sendo desta forma, indiscutível a importância de sua problematização no campo da historiografia contemporânea.

O diálogo com outros campos do saber torna a análise sobre as sensibilidades mais significativa e polimorfa, visto que, olhar o momento ao qual estamos vivenciando não pode ser apreciado como atividade simplória e, por conseguinte, refletida apenas por uma óptica, já que, ao depararmos com questionamentos sobre determinados comportamentos cotidianos notamos a fluidez das sociedades pós-modernas.

Ao expormos os nossos olhos às nuances que conduz a este universo de (re) construção do conhecimento, acabamos por gerar em nós mal - estares; conflitos internos e externos que explicita o significado do que é o campo de estudo das sensibilidades, esta vista por vezes excitante e impressionante, noutros momentos, conflitantes e instáveis reflexo dos nossos sentimentos dúbios e voláteis.

Vendo neste contexto, vê-se a indiscutível importância do estudo das sensibilidades, este sobre a óptica reflexiva do amor e da sexualidade, onde se podem perceber as nuances e liames que contribui para os questionamentos das (re) modulações dos seres humanos na história; podendo-se assim dizer, em suma, que é neste ângulo de percepção que conseguiremos enxergar as interferências das sensibilidades na formulação e propagação de multi-saberes culturais e, por conseguinte, nos envolvimentos afetivos que gestam e que de alguma forma (direta ou indireta) acabam refletindo-se nas demais atividades que executamos em nosso cotidiano.

Sendo assim, sintam-se convidados a este momento onde as idéias extraídas da pesquisa exalam-se como perfumes exalam-se das flores... levando-nos a sensações que por mais dúbias ou distintas que transpareçam, nos remete a (re) significação dos nossos saberes, ou seja, encontram-se neste momento intimamente ligados, principalmente “quando olhamos o mundo ao redor de nós e apreendemos

uma ordem, um entrelaçamento de fatos e coisas que não parecem estar desvinculados e por acaso.”²¹

1.3 AS FACES E OS DISFARCES DO IMAGINÁRIO AMOROSO.

Em meio às sensibilidades que começam a perfumar o ambiente da pesquisa, o amor neste momento torna-se o foco de entusiasmo e dos olhares curiosos da historiadora/pesquisadora/autora que vê neste objeto/temática, uma problemática que apesar de já ter sido inúmeras vezes discutida, ainda é lugar de embates comunais de problematização no imaginário dos seres humanos, haja vista que, sua codificação/entendimento é ainda um rupestre a ser decifrado.

“Ah! O amor... esse milagre de encantamento, espécie de suntuoso presente que atravessa os séculos. Espécie de maravilhamento sobre o qual somente os artistas, e talvez os amantes, possam nos dizer alguma coisa. Feito de encontros inesperados ou de acasos favoráveis, ele é como um choque violento que eletriza, cega, encanta. Deixa-nos perdidos. E – tarde demais – perdidamente enrolados.”- destaca Mary Del Priore.²²

É neste contexto, que vejo o quanto “escrever sobre o amor é uma empreitada arriscada.”²³; no entanto, necessária e excitante! Pois, como bem expôs Del Priore “o amor não deixa restos, fósseis, marcas. Ele apaga suas pegadas, não deixando ao interessado mais do que ilusões ou evocações, muitas vezes, fugazes”²⁴; mais que, para o historiador é um risco e perigo ao qual quer deleitar-se e deliciar-se!

Sendo assim, antes de discutir a fragilidade/liquidez das relações afetivas na contemporaneidade, noto que é necessário mesmo que de forma embrionária desencadear uma sucinta encenação sobre o imaginário do amor/sexo na história ocidental; destacando-se suas fa(s)ces, porém, com a ressalva de que não é

²¹ CARIDADE, Amparo. **No Princípio, Era Sexo**. In: _____. Sexualidade: Corpo e Metáfora. São Paulo: Iglu, 1997, p.22.

²² DEL PRIORE, Mary. **Introdução**. In: _____. História do amor no Brasil. São Paulo: Contexto, 2005, p.12.

²³ WILLIAM, Gass citado por COSTA, Jurandir Freire. **Sobre a gramática do amor romântico**. In: _____. Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico, Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 131.

²⁴ DEL PRIORE, Mary. *op. cit.*, p.15.

objetivo deste exercício acadêmico fazer uma discussão exaustiva sobre a subjetivação do ideário dos relacionamentos amorosos/sexuais ao longo dos séculos, dado a complexidade e amplitude que tal problemática viria a desencadear; mas apenas, apresentar de forma exemplificativa as suas articulações/visões existentes, que de alguma forma modificaram-se no perpassar dos anos até porque, “o amor não muda só no espaço, mas no tempo. O de ontem não é o mesmo de hoje. Isso porque, diferentemente dos tubarões, o amor e as formas de amar se transformam ao longo dos séculos.”²⁵, mais pergunto-me até que ponto? Haja vista que suas particularidades encontram-se mesmo que sub-repticiamente presente no imaginário do amor hiper adjetivado do século XXI.

Partindo desta necessidade, é apropriado iniciar estes pequenos rabiscos historiográficos a cerca das faces e disfarces do amor, problematizando o imaginário que modulava inicialmente o ideal amoroso no Ocidente, visto como “Bom, Belo e Verdadeiro” pela Grécia Antiga.²⁶

O psicanalista Jurandir Freire expõe ao discutir a “metafísica do objeto de amor” que ao analisarmos o mito grego/platônico de Eros é possível observar em suas nuances, variáveis sentidos dado à natureza do amor; que, por conseguinte vieram a ser (re) apropriado, (re) significado pelo ideal de amor romântico moderno, tendo estes, intuito de propagar e conseqüentemente legitimar perante a sociedade que o sentimento/sensibilidade do “amor verdadeiro” é único, inconfundível, universal e intrínseco a “natureza humana”²⁷; sendo tal cálice, sumariamente dirigido a um outro ser – homem ou mulher; no qual, a imagem de “um composto afetivo feito de desejo; de falta do objeto do desejo; de nostalgia ontológica do objeto ideal perdido; de sofrimento decorrente da perda ou da ausência deste objeto; de alegria intensa, quando o objeto é possuído etc. (...) mostra semelhança com a idéia de amor romântico atual”- enfatiza o autor.²⁸

²⁵ Idem, p.12

²⁶ Jurandir Freire Costa destaca em seu texto “Utopia sexual, Utopia Amorosa” que, a maioria dos especialistas - filósofos, historiadores, antropólogos, sociólogos, psicólogos, psicanalistas, literatos etc, concordam em ver O Banquete do filósofo grego Platão, a grande fonte do mito amoroso no Ocidente. Para saber mais cf: COSTA, Jurandir Freire *op. cit.*, p.36.

²⁷ Idem, ibidem.

²⁸ Idem, p. 37.

Para compreender melhor esta imagem do Amor, a pesquisadora Amparo Caridade destaca em sua problematização o Mito de Origem²⁹ no qual, nos faz refletir sobre o que segundo ela é a estirpe da inquietação do ser humano, donde se pode presenciar o discurso propagado do ideário de “destino”, este, “veículo” que nos possibilitará sermos agraciados/desejados por outro ser, já que, “outrora éramos um, mais eis que estamos separados de nós mesmos, razão porque, não se pára de buscar o todo que se era”.³⁰

Fazendo-se uma analogia dado as características deste mito, esta construção imagética de determinismo ainda persiste na contemporaneidade mesmo que de forma mascarada; pois ainda transcorre em nossa construção de sensibilidade amorosa a idéia da “cara – metade”, “alma – gêmea”, “par-perfeito”... mesmo que por alguns dias, minutos, segundos!

Assim, pode-se destacar que tal pensamento defende a idéia de que, nós seres humanos não buscamos incansavelmente simplesmente a nossa metade perdida, ou seja, o “outro” que ira os completar, mas procuramos a nós mesmos, pois somos segundo Caridade, seres carentes e desejantes de uma suposta “totalidade primordial”. Contudo é valido enfatizar, que ao estabelecermos esta suposta “unidade readquirida” ela não é perfeita, pois em seus contornos podem-se notar marcas do estranhamento e, por conseguinte, cicatrizes da separação - destaca a historiadora Del Priore.³¹

Nota-se que, a partir desta imagem de unidade explicitada pelo ideário grego de bom, belo e verdadeiro, apresentou-se ao ocidente um imaginário amoroso que perpassa os séculos, onde apesar da ambivalência e fluidez das relações afetivas na contemporaneidade, a busca desta “cara – metade” ainda encontra-se imbuída no imaginário do amor contemporâneo, só que não dado as circunstancias até então defendida de apenas um ser capaz de nos completar, mas de buscarmos incansavelmente seres que, naquele momento contemplam nossas ansiedades, ou

²⁹ Segundo Platão, o Mito de Origem descrevia que no princípio os homens possuíam órgãos duplos, formas arredondadas, quatro membros superiores e inferiores e apenas uma cabeça; contudo havia três sexos distintos que correspondiam ao masculino, ao feminino e ao andrógino. Por sua vez, os humanos acabaram sendo divididos, pois se rebelaram contra os Deuses, e cada um passou a procurar sua outra parte.

³⁰ COMTE – SPONVILLE, André citado por Amparo CARIDADE. **No Princípio, Era Sexo**. In: _____ . Sexualidade: Corpo e Metáfora. São Paulo: Iglu, 1997, p.24.

³¹ Para compreender mais tal pensamento, cf. DEL PRIORE, Mary. **Como tudo começou: amor no Velho Mundo**. *op. cit.*, p.78.

seja, nossos desejos! Fato este que poderá ser mais compreendido no decorrer desta produção.

Dando continuidade aos nossos rabiscos sobre o ideário amoroso, destacam-se neste momento as experiências/experimentos no período medieval, que para muitos estudiosos deste período é visto como berço do amor romântico.

O amor dado aos moldes da cortesia, ou seja, o amor-cortês teve nos versos trovadorescos o cântico do “amor puro”, este, tomado pelo culto ao sofrimento que segundo Del Priore são:

Versos que celebram a continência sexual conservando, contudo, uma coloração carnal que agravada à aristocracia. (...), a aventura do amor cortês erigiu como tema a exaltação carnal e espiritual nas relações amorosas entre homens e mulheres. Exaltação mais idealizada do que prática, mais descrita do que vivenciada, (...) ferveilha de imagens sobre submissão do amante à sua dama, valorizando, ao mesmo tempo, qualidades viris, como a coragem, a lealdade e a generosidade, encarnados no cavaleiro³².

Pela citação exposta acima, pode-se destacar o que Jurandir Costa Freire conceitua como “desejo insatisfeito”, característica intrínseca ao amor cortês e a mística cristã; tal insatisfação pode ser analogicamente levada à questão do masoquismo, este, não compreendido aos moldes do significado popular de frenético prazer sexual dado ao maltrato físico e moral, mas por outra discussão, que no pensamento amoroso segundo o autor, levamos a problematizar tal sentimento/sensibilidade a partir de dois pontos: da relação do sofrimento com o amor – paixão e da laicização do objeto do amor³³.

No tocante a relação do sofrimento com o amor – paixão, inaugura-se no amor cortês a relação da renúncia carnal somado com a promessa de felicidade a *posteriori* (este visto a partir da contemplação e fusão com o Supremo- Bem); donde a relação amorosa e suas satisfações viriam ainda que tardiamente – destaca Costa Freire.

Quanto à laicização do objeto do amor – o pensamento amoroso adquirindo o caráter laico – é importante destacar o que Costa denomina de “mundanização do amor” e a “revalorização da figura feminina”, onde a imagem da mulher senhora,

³² Idem, p.70.

³³ COSTA, Jurandir Freire. **Utopia sexual, Utopia Amorosa**. *op. cit.*, p.40.

dama, senhorita... passa a substituir o lugar de Deus como elemento de desejo. Contudo tal imagem não pode ser confundida como uma valorização a figura da mulher esta dotada de direito cívicos e de lugar de igualdade com o homem; mas pura e simplesmente como forma/pretexto do homem demonstra seu potencial viril e juvenil de poderes não tão somente sexuais mais também, cívicos, políticos... em suma, patriarcais!

De qualquer forma, o ponto crucial do amor a *La cortesía* é a publicação de uma felicidade futura, onde a tensão entre dois pensamentos distintos – alegria extática e erotismo melancólico – destacado por Costa Freire³⁴ foi o fio condutor da poesia amorosa no medievo; que veio de alguma forma, desenrolando-se, até chegar mesmo que disfarçadamente na contemporaneidade!

Substituindo, ou melhor, dizendo reformulando os poemas medievais, os contos romanescos dão seus ares de graça na Idade Moderna, determinando ideais de relacionamentos entre homens e mulheres no início do século XX onde, o amor passa a ser *domesticado*, isto é, ligado ao matrimônio e à família; vindo desta forma a determinar espaços e normas de conduta que “camuflariam” os verdadeiros sentimentos dos apaixonados.

Um dos pontos de maior destaque na problematização do amor romântico moderno será o que Jurandir Freire Costa intitula como “hierarquia das paixões”, ou seja, o amor deixa seu lugar de destaque na “pirâmide das paixões” (colocado até então pela sensibilidade clássica antiga e cristã); e em seu lugar emergi o desejo e, por conseguinte o prazer, onde este por sua vez, torna o amor parte intergrante destas novas sensações, mas não o principal.

A laicização do amor chegava ao grau máximo de interiorização subjetiva. O amor era o nome dado a um conjunto de impressões sensoriais de prazer. E, operando essa análise reducionista, o idealismo empiricista dos sensualistas abria as portas para a idéia de que o ‘amor’ é alguma coisa que ‘naturalmente nos constitui’. Se as sensações de prazer e desprazer são dados universalmente atribuíveis a todos os organismos biológicos, o sujeito amoroso, como conseqüência, também é algo que se encontra na natureza.³⁵

³⁴ Idem. p.40.

³⁵ Idem, p.62.

Assim, vê-se que se operou na modernidade uma concepção de amor segundo Costa, a partir, de dois movimentos. No primeiro momento o transformou independente do corpo e/ou da alma, isto é, o amor passou a ser vislumbrado como sentimento que “nasce” dos desejos das pessoas e seu objetivo/meta é proporcionar a configuração do prazer. No segundo momento, o amor é mais uma vez elevado ao grau de sublimação, porém não mais ligado a Deus, mas ao estado de prazer que deve ser perpetuamente renovado, caso contrário o sujeito terá-se a inquietude e o mal-estar como companheiro.

Na dinâmica do amor romanesco, este é adjetivado como “mistério, magia e idolatria sexual do parceiro”³⁶ (sentimentos e sensações não bem vistas pelas instituições de poder – Estado e Igreja), mas que, acabaram ganhado novos ares e conseqüentemente, pode ter seu ápice harmônico quando conjugou-se ao casamento, ou seja, ao seio familiar de acordo com as regras estabelecidas por tais poderes. Assim, o “lado subversivo e perigoso do chamado amor romântico foi amenizado; o amor foi ‘domesticado’ cedendo aos apelos do ‘bom senso’, das normas sociais, e adaptando-se ao modelo dominante de felicidade.”³⁷

O modelo de família nuclear composta pela mulher (Maria, Francisca, Glória, Amélia...), estas a rainhas dos lares e responsáveis pelo bom nome da família e de seu esposo, e o homem (João, José, Mauro, Paulo...), os provedores e protetores destas frágeis esposas – fragilidade esta determinada biológica e psicologicamente³⁸ – vigorou sem grandes turbulências durante pelo menos até metade do século XX. O amor agora iluminado pelo brio da modernidade tem seu espaço novamente recolocado, só que neste momento ele se faz presente no âmbito familiar.

Criaturas opostas, biológica e psicologicamente, homens e mulheres eram vistos como ‘meros reflexos de suas posições físicas no amor: um procura, domina, penetra, possui; a outra atrai, abre-se, capitula, recebe’. Os mais diversos discursos sobre a família e o casal – literários, médicos, religiosos e jurídicos – decretam que é o lar, no seio da família que se estabeleciam as

³⁶ Idem, p.70.

³⁷ ZELDIN, Theodore citado por MILLES, Rosalind. **Papéis sociais na raiz da identidade sexual**. In: VON WOSS, Monika. *Feminino + Masculino – Uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades*. São Paulo: Escrituras, 2000, p.169.

³⁸ Era comum o entendimento na medicina e na psiquiatria de que a natureza feminina a conduzia ao casamento, a maternidade e conseqüentemente a ser rainha do lar, até porque, entendia-se até então, que a mulher é um ser castrado, ou seja, um homem que não atingiu seu completo desenvolvimento; assim restava-lhe a concupiscência de se tornar mãe.

relações sexuais desejadas e legítimas, classificadas como decentes e higiênicas. E se o matrimônio era etapa superior das relações amorosas, 'garantidor de saúde da humanidade e da estabilidade social' como queriam alguns autores, nada melhor do que transformá-lo em necessidade para todos.³⁹

É neste contexto que o casamento passa de "negócio econômico", para necessidade de ordem social, ou seja, forma de se estabelecer o controle dos desejos e dos prazeres, que para o discurso higienista e religioso, era um mal a ser combatido; sendo o enlace matrimonial mais um lugar de respeito do que de prazer – destacou Del Priore.

Assim sendo, as formas de aproximações no Brasil do século XX mudarão, mesmo porque, o casamento arranjado era um atraso aos ideais modernos; em seu lugar aparece o flerte (hoje a paquera... às vezes nem isso!), forma de encantamento para se conseguir um pretendente. "O amor pula a janela"⁴⁰, o processo de deslumbramento amoroso acelera e novos lugares tornam-se palco dos "enamorados"; o carro e as matinês no cinema, são exemplos deste novo comportamento social que se move!

No entanto, imagens e condutas persistiam, principalmente para as mulheres das classes média e alta, que deveriam seguir regras mínimas para conseguir seu propósito maior – a bodas! Discursos midiáticos dos Anos Dourados, propagavam que as moças tinham que se mostrarem recatadas, ou seja, 'moças de família' não deveriam abusar de bebidas alcoólicas e, de preferência, não deveriam beber; conversas ou piadas picantes eram impróprias, os avanços, masculinos, abraços e beijos deveriam ser cordial e firmemente evitados; as moças deveriam impor respeito – destaca a historiadora Bazzanezi⁴¹.

Neste diapasão, propagava-se entre os jovens que "o amor verdadeiro e digno era feito de juízo", em suma o racionalizado e higienizado; onde o casamento era o meio virtuoso e adequado para tal contemplação, por sua vez, à idéia de

³⁹ DEL PRIORE, Mary. **Da modinha à revolução sexual**. *op. cit.*, p.253.

⁴⁰ *Idem*, p.283

⁴¹ BAZZANEZI, Carla. **Mulheres dos Anos Dourados**. In: DEL PRIORE, Mary (org). *História das Mulheres no Brasil*, 5ª edição, São Paulo: Contexto, 2001, p.615.

afinidade sexual não era o ponto determinante para este amor ajuizado, visto que, o sexo tinha função específica - à procriação.

Contudo, as décadas de 60 e 70 marcaram a eclosão de destacáveis e determinantes mudanças com a chamada “Revolução Sexual”, onde a moral sexual flexibilizada, tornou-se ponto de destaque deste período histórico.

O aparecimento da pílula anticoncepcional no ano de 1966 possibilitou o desmembramento do amor ligado apenas para a geração de outro ser; o uso deste inovador contraceptivo possibilitou não apenas a mulher o direito de escolher, mas concomitantemente ao homem (boêmio, de família, operário...), que se viu livre do compromisso de “ter que casar” caso houvesse uma gravidez no meio do percurso dos encontros amorosos.

Como bem destaca a historiadora Del Priore, é neste contexto que há o debate entre os poderes – Estado e instituição eclesiástica - e sua possível propagação a população, da necessidade da planificação familiar (que terá maior enfoque no ano de 1996 com resolução normativa – Lei nº9.263) , da paternidade responsável e do amor conjugal entre marido e mulher e seus possíveis herdeiros, estes reflexo do amor verdadeiro e indissolúvel até então!

Outro ponto que possibilitou uma modificação da imagem do amor será a dissolução do casamento, a priori, com a Lei do Desquite, onde este se caracterizava por ser apenas uma separação de corpos, “mais não eliminava o vínculo formalizado do casamento civil e nem admitia outro casamento” enfatiza Carlize Nascimento⁴². Com a regulamentação do divórcio em 1977, pela Lei nº 6.515, os laços matrimônios viram-se enfim sendo desatados, porém longe do que se presencia-se hoje, onde casar e descasar-se inúmeras vezes é possível, mesmo porque, a Lei do Divórcio apenas concedia o direito a mais um casamento e conseqüentemente há mais uma dissolução matrimonial, o que só veio a ser modificado no início dos nos 90, com liberalização matrimonial sem número determinante, ou seja, há possibilidade infinita de unir-se e desunir-se viu-se finalmente livre!

• ⁴² NASCIMENTO, Carlize Regina Ogg. **Amor e Tecnologia**. In: Do amor em tempos de Internet: análise sociológica das relações amorosas mediadas pela tecnologia. Dissertação de Mestrado. Curitiba, 2007, p.82, Disponível em: <http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/handle/1884/12128>

Em meio a este turbilhão de mudanças sociais, a “idéia de que os casais além de se amarem deveriam ser sexualmente equilibrados, capaz de gozar com o parceiro, começa a ser discutida por alguns ‘pra frente’.”⁴³, sendo assim, as sensibilidades amorosas começam a ganhar novas “faces”; onde mulheres e homens começam a saborear novos prazeres e a “desobedecer às normas sociais, parentais e familiares”; o proibido (homossexualismo e adultério) começam a ser visualizados mais, a notoriedade destes sentimentos/ sensações, acabaram concomitantemente por tornar os seres humanos amorosamente e sexualmente desejados na contemporaneidade.

Por tal percepção, o amor do fim do século XX e início do século XXI, viu-se novamente redimensionado, ou seja, tomou uma nova face, já que “no presente, o cenário mudou. O valor do amor foi hiperinflacionado e sua participação na dinâmica do bem comum chegou quase ao ponto zero”⁴⁴. Assim, o fluido, o narcisismo (amor excessivo a si mesmo, agora com roupagem desenfreada), a frivolidade, a elasticidade das sensações/desejos ganham espaços; acabando por se aconchegar nas sensibilidades do “amor líquido” – como bem conceitua Zygmunt Bauman.

Sobre tal questão, Bauman discute em seu texto - Apaixonar-se e desapaixonar-se - que, a idéia de amor romântico, onde a morte era a única forma de por fim aos laços afetivos que envolviam os seres que dele se aconchegavam, passa a ser uma definição/compreensão sobre a afeição amorosa “fora de moda”; haja vista que, as estruturas de parentesco (onde posição social e o determinismo sexual determinavam as relações) foram alteradas, e em seu lugar, emergiu-se em seu lugar, experiências múltiplas de desejos/prazeres, modificando assim, o ideário de amor. Assim sendo, “noites avulsas de sexo são referidas pelo codinome de ‘fazer amor’”- ressalta o autor!

A súbita abundância e a evidente disponibilidade das ‘experiências amorosas’ podem alimentar (e de fato alimentam) a convicção de que o amar (apaixonar-se, instigar o amor) é uma habilidade que se pode adquirir, e que o domínio dessa habilidade aumentam com a prática e a assiduidade do exercício. Pode-se até acreditar (e freqüentemente se acredita) que as habilidades do fazer amor tendem a crescer com o acúmulo de experiências; que o próprio amor será uma experiência ainda mais estimulante do que a

⁴³ DEL PRIORE, Mary. **Da modinha à revolução sexual**. *op. cit.* , p.302.

⁴⁴ COSTA , Jurandir Freire. **Introdução**. *op. cit.* , p.21.

que estamos vivendo atualmente, embora não tão emocionante ou excitante quanto a que virá depois.”⁴⁵

Neste sentido, nota-se a partir do pensamento do sociólogo que, “a misteriosa fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos conflitantes (estimulados por tal sentimento) de apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos”⁴⁶, encontra-se intimamente ligado a sensibilidade amorosa/sexual, donde a ambigüidade comportamental e psíquica dos seres humanos – hiper; habitam não só o campo de sensações afetivas, mas também, os “demais espaços”⁴⁷ de vivencia do homem e da mulher pós/hipermoderna.

Sendo assim, à ambigüidade do ser humano contemporâneo estar direcionando-o muitas vezes a frustrações incalculáveis, ou melhor, dizendo, enigmáticos, no qual, em meio aos variáveis leques de opções e de transformações comunicativas e/ou consumistas, coloca-o, mas uma vez ao lado do sentimento de solidão, medo, receio ou até mesmo de incapacidade. Diante deste pressuposto, fica claro a desconstrução de sentimentos, difusos no padaroxo da individualidade humana na “Era do vazio”⁴⁸, onde as paixões afloram bem como murcham (ou deveriam murcharem) rapidamente seguindo o ritmo das transformações sociais.

É neste contexto que, Guilles Lipovetsky discute a (re) estrutura social que toma a sociedade contemporânea, conceituado por ele de “Hipermoderna”. Para ele vivenciamos a “terceira fase da modernidade”, onde as imagens e comportamentos, bem como, as relações são adjetivados com o prefixo de hiper. Destarte, o narcisismo, o consumo e a modernidade passaram a degustar novos sabores, onde “a lógica pós-moderna da conquista pessoal foi substituída por uma lógica corporativista de defesa de prerrogativas sociais”⁴⁹.

Neste sentido, o paradoxo – liame da hipermodernidade – tornou-se perceptível aos sentidos e sentimentos, pois, assim como os hiper-indivíduos

⁴⁵ BAUMAN, Zygmunt. **Apaixonar-se e desapaixonar-se**. IN: _____. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p. 19.

⁴⁶ Idem, **Prefácio**. *op. cit.*, p. 8.

⁴⁷ Ao utilizar tal pensamento tento contemplar os espaços públicos e privados que vivenciamos diariamente – escola, igreja, hospitais, praças, clubes, bares, shopping, teatros, festas, etc.

⁴⁸ Livro escrito por Gilles Lipovetsky em 1983 no qual ele expunha a nossa entrada numa sociedade pós-disciplinar, denominada por ele de pós-modernidade.

⁴⁹ CHARLES, Sébastien, **O individualismo paradoxal: Introdução ao pensamento de Gilles Lipovetsky**. In: LIPOVETSKY, Gilles. Os Tempos Hipermodernos. Tradução Mário Vilela. São Paulo: Ed. Barcarola, 2004, p.27

contemporâneos são constantemente informados, abertos a novos conceitos, novas perspectivas de consumo/parafernália virtual, são concomitantemente, desestruturados, instáveis, influenciáveis e porque não - saudosistas...!

“Narcismo é doravante corroído pela ansiedade; o receio se impõe ao gozo, e angústia, à libertação”⁵⁰; a sociedade agora – hipermoderna – apresentada como liberal fluida e flexível, é também duvidosa e improvável; gestando nestes sujeitos sensações dúbias, onde, o que o inquieto e o assusta concomitantemente lhe dá a sensação de prazer e de bem – estar.

É neste sentido que percebemos a reinvenção do tempo destacada por Maffesoli⁵¹, que segundo ele, tal pensamento nada mais é, do que a sua relativização, onde se vive um hoje paralisado, sem ontem e sem amanhã; contudo o que se discute aqui não é a propagação de uma existência projetada no pessimismo, mas sim, no que condiz a fragilidade das sensibilidades, vulneráveis aos tropeços das sensações, por tanto regrada aos (dês) prazeres do agora.

O que se vê a partir de tais problemáticas é que o tempo na pós-modernidade é moldado no imediatismo das relações, dos sentidos e dos sentimentos, onde o aproveitar agora, já! É reflexo da roupagem plástica que usamos ou que tentamos usar na “contemplação”⁵² do mundo agora – hipermoderno. Onde, “entrar em sintonia com a plasticidade das coisas. Captar o dinamismo interno dominante na vida social é certamente a chave para que se possa admirar a surpreendente mudança de costumes nas sociedades contemporâneas.”⁵³

Nesta perspectiva, pode-se destacar que em meio a fundamentações de conceitos maniqueístas sobre a modernidade, o qual o rotulam de flagelamento e alvedrio (liberdade) social, as relações amorosas entre gêneros vem se reformulando e instituindo-se de forma fragmentada, fragilizada e complexa; onde “reduzir riscos e simultaneamente, evitar perda de opções é o que restou de escolha

⁵⁰ Idem. P.28

⁵¹ Para saber mais, cf. MAFFESOLI, Michel citado por TRIPOLI, Suzana. **A questão da temporalidade na sociedade atual**. IN:_____. A arte de viver do adolescente. **Falta a editora e data** p. 27 a 28.

⁵² TRIPOLI, Suzana afirma que vivemos na contemporaneidade o tempo da contemplação, esta vista pela óptica da reformulação, desordenação do caos para uma nova ordem.

⁵³ MAFFESOLI, Michel. **O retorno das emoções sociais**. IN: SCHELER, Fernando & DA SILVA, Juremir Machado (orgs). **Metamorfose da cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2006. P. 38.

racional num mundo de oportunidades fluidas, valores cambiantes e regras instáveis.”⁵⁴

Papéis que até décadas atrás eram bem definidas (mulheres as rainhas do lar, os homens provedores da família) e fundamentadas em prol do ordenamento social, hoje, deparam-se com a interferência de novos mecanismos científicos que de uma forma ou de outra estão (re) instituindo e (re) caracterizando as relações sociais, sejam elas afetivas ou não. Neste sentido podemos citar como exemplificação a idéia de família nuclear, constituída na imagem de décadas atrás por três basilares centrais: o pai (a figura masculina, patriarca- provedor), a mãe (a figura feminina dotada de significados dentre eles: a concupiscência, a fertilidade, a obediência) e os filhos (“fruto” da solidez vincular existente o casal).

Hoje o que se vê é a revisão de tais identidades, dadas através da verbalização de questionamentos e escolhas (como, quando e como quem ter ?), seja um filho (a) e/ou um parceiro (a) , tal problemática nos expõe a imagem de uma nova relação social que acaba refletindo-se na própria imagem de afetividade, onde o amor e a sexualidade assim como um filho do século XXI pode ser escolhida num banco de dados de forma rápida e dinâmica no qual, se exponha de forma detalhada, os caracteres deste indivíduo quer- se ter.

Sendo assim, o que se presencia na pós/hipermodernidade, é um emaranhado de laços afetivos, onde cotidianamente quebram-se modelos e valores sociais de identidades que existiram em décadas anteriores, onde abster-se das dádivas divinas era um mal incalculável. Sendo assim, o cunho sexual voltado apenas para a procriação deixou de ser uma norma divina⁵⁵ a ser seguida, para ser na pós- modernidade, uma escolha subjetiva dotada de significantes e significados.

Partindo deste princípio, pode-se perceber que as relações de gênero na hipermodernidade modificaram-se; sentimentos se (re) formulam a cada dia, a cada minuto... segundo! Expondo-nos a um ideal de relacionamento por vezes poético por vezes dramático... por vezes virtual! Sendo em síntese um emaranhado de ícones.

⁵⁴ BAUMAN, Zygmunt. **Dentro e fora da caixa de ferramentas da sociabilidade**. *op. cit.* p. 85.

⁵⁵ Vale explicitar aos leitores que a imagem de divino encontra-se co-relacionado a idéia de divindade, mas precisamente a Deus, onde o amor e o desejo residia na sua relação com Ele, onde “amar significa entregar-se a Deus com a alma piedosa e o corpo imaculado; unir-se a Ele e renunciar a si mesmo; assumir-se , enfim como criatura.”(VAINFAS, Ronaldo. **O imaginário do amor: erotização de Deus, espiritualização da carne**. IN: _____ . Casamento, amor e desejo no ocidente cristão. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1992, p.49 a 50.

Neste sentido, em meio a esta complexa rede de sentimentos difusos; onde as paixões que afloram e murcham rapidamente (ou deveria murcha-se) no mesmo ritmo frenético, seguindo o compasso das transformações quase que instantâneas da sociedade Hiper adjetivada, a idéia de amor acaba sendo tomado pela liquidez das relações, vestindo nos dias de hoje novos conceitos e novos parâmetros; às vezes romântico, às vezes luxuoso, às vezes libertário...

Neste contexto interpretativo, pode-se notar que neste “universo” líquido, complexo e ambíguo como um “aquário” (onde se mostra aos olhos de quem o contempla, a imagem de como é ser livre *a priori* dos ditos disciplinarizadores⁵⁶; no entanto preso a caixa de vidro do sensibilizo), a sociedade do século XXI mostra-se indiscutivelmente contagiado pela ambivalência das emoções; o que, por conseguinte seja de forma “consciente ou inconsciente”⁵⁷ acaba projetando-se na modulação do que seja o amor e a sexualidade, desenvolvendo imagens e produzindo “receitas” para seu melhor entendimento e aproveitamento. Mas será que conseguem?

Assim, discutir como a sociedade pós/ hipermoderna vislumbra as variáveis roupagens do Amor e da Sexualidade nas relações (dês) afetivas na contemporaneidade é indispensável, sendo por sua vez, o fio condutor central do capítulo que se desatara nas seguintes linhas discursivas, onde, buscar-se-á questionar o complexo paradoxo das sensibilidades na contemporaneidade, onde amar e desamar, apaixonar e desapaixonar, procurar um Amor-paixão ideal (izado) mesmo que virtualmente, tornou-se reflexo desta sociedade fragilizada e ambígua e porque não – volúvel!

⁵⁶ Ao utilizar tal termo estou me referindo ao pensamento do filósofo e historiador francês Michel Foucault, no qual, discute em seus estudos a disciplinarização do sujeito moderno, este reflexo de um novo poder o “poder de disciplinar”. Onde tal poder regula, vigia, policia e disciplina o ser humano (cidadão, indivíduo e/ou corpo), mantendo sob controle suas idéias e desejos em toda esfera social – familiar e cidadã.

⁵⁷ HALL, Stuart. “Nascimento e morte do sujeito moderno” IN: **A identidade cultural na pós – modernidade**, Rio de Janeiro: D P& A Editora, 2000, p.36 a 37; esboça ao leitor as descrições feitas por alguns teóricos contemporâneos sobre como o sujeito e a identidade é contextualizada no pensamento moderno. Para tal, ele destaca a teoria do inconsciente trabalhada por Freud, no qual, a sexualidade e a estruturação dos nossos desejos são formulados basilamente pelo processo psíquico e simbólico do inconsciente.

CAPÍTULO II

O AMOR INTRÍNSECO A UMA “TEIGA” VIRTUAL DE SENSAÇÕES AMOROSAS.

“Queremos um amor imortal e
com data de validade marcada”
(Jurandir Freire)

“Desligados, precisam
conectar-se”
(Bauman)

Em meio a uma “parafernália” de hardware e software e seus códigos binários⁵⁸, o amor apresenta-se na contemporaneidade com uma nova modelagem, isto é, ele é posto aos nossos olhos a partir de códigos mecânicos/tecnológicos que se conectam dentre uma “teiga” (para não dizer rede) a princípio virtual, mas que dadas proporções de interlocuções/caracteres, poderá em algum dado momento se tornar presencial, isto é, poderá diante das palavras trocadas por intermédio do computador vir a se estabelecer face-a-face. No entanto, às vezes nem se chega a tanto!

E-mails se cruzam, e como “mágica”, passam a ser extensão corpórea e sentimental dos desejos, das expectativas, dos sonhos... enfim, do amor entre os apaixonados hipermodernos! Neste “novo modelo” (se é que existe um modelo de relacionamento afetivo); “as conexões são estabelecidas e cortadas por escolha”⁵⁹, e ao relacionar-se toma novas feições, neste moderno líquido mundo!

Como bem discute Bauman, na sociedade moderna do século XXI o ideário de relacionamento ganhou conotações ambivalentes, onde em dados momentos, busca-se um parceiro (a) para se compartilhar alegrias, tristezas, angústias, medos, vitórias... enfim, sentimentos gestados pela fragilidade social do qual fazemos parte;

⁵⁸ Neste momento textual, o termo aqui empregado é uma referência a seqüência numérica – 0 e 1- utilizada pela informática para produção de caracteres, e conseqüentemente, formulam-se dados por nós visualizados.

⁵⁹ BAUMAN, Zygmunt. **Prefácio**. *op. cit.*, p. 12.

noutra ocasião, se deseja a imagética liberdade, para viver e concomitantemente saborear “novas” sensações, sejam elas amorosas e/ ou sexuais.

Agora, o “antigo” relacionar-se onde “os moleques de recado, livres ou escravos, membros da família ou pagos eram mediadores por excelência de namoros ou paixões (...)”⁶⁰, quer agora se conectar, porém com as portas abertas! Ou seja, quer na contemporaneidade (des) constituir vínculos bem mais rápidos sem intermédio de terceiros, a não ser dos fios de cobre que compõe a Internet. Pois, diante da liquidez das relações, estas estão propícias a terminarem antes mesmo de começarem haja vista que, para concretude de tal fato se basta aperta a tecla “delete” para aquele (a) que não esteja encaixado(a) no perfil pré-estabelecido no seu “chat” ou “blog” amoroso, seja “abolido” de seu convívio sem culpa, sem receio, sem medo... sem choro! Mas será que é tão simples assim?

Perante tal quadro, as “relações virtuais” – via rede – tornaram-se possíveis, porém, recheada de ambigüidade haja vista que, apesarem de serem mais flexíveis – conectar-se a dezenas de pessoas simultaneamente – na visão de Bauman, estas “conexões humanas” são concomitantemente, mais intensas, mais banais e mais breves, assim, estão propícias a sensações variadas em um curto espaço de tempo!

Neste sentido, eis as relações virtuais que se apresentam neste momento de questionamento acadêmico; onde dado as suas particularidades tornou-se protagonista do líquido, volúvel, volátil, ambivalente... cenário hipermoderno! Tornando-se notoriamente neste sentido, ponto de discussão e exemplificação do que é proposto neste instante simbólico de reflexão.

2.2 ANTES DAS SENSIBILIDADES... A INTERNET SE APRESENTA

Antes de iniciarmos a nossa análise acerca das relações amorosas/sexuais em meio a “virtualidade” (estas propiciada pelos sites de relacionamento e salas de bate-papo), é interessante apresentarmos ao leitor em linhas não exaustivas, a história das “redes das redes”, mais conhecido como – Internet; pois, o objetivo deste trabalho não é problematizar-lo, nem tampouco descrever os discursos envoltos a tal mecanismo tecnológico, mas sim, observar como este veículo de

⁶⁰ DEL PRIORE, Mary. **Metereologia das práticas amorosas**. *op. cit.*, p. 131.

dados tornou-se nas últimas décadas, também, ponte/rede de sensações amorosas e/ou sexuais.

Sendo assim, como entende todo bom historiador(a)/pesquisador(a)/autor(a), o qual afirma que contar história nunca é demais! E contextualizada-la junto à problemática da pesquisa – é fundamental! Começamos então a “desatar” a redes!

Inicialmente não se pode negar a importância dos recursos tecnológicos como – a máquina a vapor, a eletricidade, o rádio, a televisão – para o desenvolvimento das estruturas econômicas, sociais e política da população mundial; e conseqüentemente, seu reflexo no comportamento dos coadjuvantes seres humanos que destes inovadores bens se proponham a deleita-se! Proporcionando-os singulares sensações, isto é, fazendo-os experimentar novos sabores, a visualizar novas percepções... assim como, a “reinventar” o amor. Com a Internet, não seria diferente!

Criada em meio a Guerra Fria, em 1969 pelo DOD - Departamento de Defesa dos EUA - com fins militares, no qual, tinha-se como objetivo mor, estabelecer a "rede das redes", esta capaz de sobreviver a ataques nucleares e concomitantemente proporcionar a troca rápida de informações, em tempo real; a Internet se expandiu, e “começou a ser utilizada para troca de informações entre instituições acadêmicas, na realização de pesquisas científicas. Os elementos em questão giravam em torno da descentralização da informação, por meio do compartilhamento interativo entre as instituições, assim como, do encurtamento do tempo e das distâncias para a manutenção da comunicação, sem que houvesse interrupções.(sic)”⁶¹ – destaca Carlize Nascimento.

No ano de 1970, a Internet ganhou novo aplicativo, o popularmente conhecido E-mail ou correio eletrônico, criado por Ray Tomlinson. Tal software possibilitou a compatibilização de dados, fontes, pensamentos e emoções entre os usuários da “rede”, aqueles em forma de arquivos.

Também na década de 70, outro aplicativo deu seus ares de graça, o famoso e difundido entre a população pós/hipermoderna – *chats*⁶² ou salas de bate-papo -

⁶¹ NASCIMENTO, Carlize Regina Ogg. **Amor e Tecnologia**. *op. cit.*, p.56.

⁶² “O exemplo mais difundido de ‘chat’ é o IRC, acrônimo de Internet Relay Chat, criado em 1988 por Jarkko Oikarinen na Finlândia (Silva, 2000). Sua intenção era criar um programa que permitisse a conversação entre vários usuários de forma síncrona, em que eles pudessem escolher áreas para interagir dentro do serviço”. Para saber mais, conferir o artigo publicado pelos psicólogos: DELA

meios de comunicação através dos quais as pessoas se interconectam, para conversar em tempo real, utilizando-se da linguagem escrita. Na atualidade, os “chats” tomaram novas proporções, e é neste sentido, conhecido como um ponto de encontro virtual, onde as pessoas se conhecem e conquistam amigos — e até mesmo parceiros amorosos — a partir de toques de teclados que envolvem o uso de uma linguagem bastante distanciada daquelas, às quais, se estava acostumado a utilizar na “hora da conquista”; pois ícones, imagens, cores... dentre outras formas de comunicação via “teclação” tomaram os espaços da afetividade tornando-a mais “colorida” e “animada”!

Nos anos 90, a Internet expandiu, e virou “produto” de comercialização, ou seja, o mundo dos negócios passou a enxergar o potencial econômico da novidade e o alavancou em alta velocidade - destaca Nascimento. O mercado começou a avistar o potencial de individualização da sociedade contemporânea, e por tal, colocou a sua disposição um “instrumento que, além de ‘pessoal’, traz recursos variados para que o usuário possa personalizá-lo ainda mais.”⁶³, configurando-se desta forma, a individualização do ser a serviço da tecnologia, e vice-versa!

No que tange a participação da internet no século XXI, este, estar cada vez mais, fincando suas “raízes de cobre”! Pois, se até poucos anos atrás seu uso restringia-se via micro-computadores (domésticos ou empresariais), hoje seu uso esta cada vez maior – celulares, MP7, note-book, televisões digitais, Lan-houses, escolas, praças, shoppings etc! – aglutinaram e expandiram este meio de inter-relação política e comercial; tornando-o “trampolim” para novas e renovadas interações sócio-afetivas. Desta forma, a “web” virou um canal aberto vinte quatro horas para o amor!

COLETA, Alessandra dos Santos Menezes, DELA COLETA, Marília Ferreira & GUIMARÃES, José Luiz. **O amor pode ser virtual? O relacionamento amoroso pela Internet.** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722008000200010&lng=pt&nrm=iso. Acessado em 18 de agosto de 2008.

⁶³ NASCIMENTO, Carlize Regina Ogg. **Amor e Tecnologia.** *op. cit.* p.57.

2.3 AS RELAÇÕES AMOROSAS... VIA INTERNET

O amor na líquida sociedade pós/hipermoderna, se vê prolixa a renovados métodos/mecanismos de aproximação, isto é, o sentimento romanesco de construção ideária de relacionamento afetivo donde olhares, gestos, assovios, recados via carta ou telegrama... dentre outras formas de flerte ou paquera eram pontes das possíveis conquistas; dão espaço a conexões bem mais dinâmicas, onde mensagens virtuais tornam-se “trampolins” da comunicação afetiva seja ela amorosa e/ ou sexual.

Neste contexto, os sites de relacionamentos e os *chats* (salas de bate-papo) se destacam ao apresentarem a partir de suas “páginas virtuais”, o diagnóstico da plasticidade da afetividade que toma e campeia a sociedade hiper-adjetivada. Sendo assim, é válido a priori, para melhor problematização do campo de estudo, descrevê-las! Contudo, com a ressalva de que neste momento de produção o foco – a intenção sublimar – da historiadora/pesquisadora/autora é analisar as sensibilidades amorosas que colorem não tão somente os monitores de nossos computadores, mas também colorem, animam, musicalizam... e fragilizam nossos corações! Então comecemos!

Inicialmente destaca-se a compreensão que o sociólogo Bauman no texto – Dentro e fora da caixa de ferramentas da sociabilidade – faz quanto á liquidez relacionais no mundo pós- moderno; onde ele diz que: “quando a qualidade o decepciona, você procura salvação na quantidade. Quando a duração não está disponível, é a rapidez da mudança que pode redimi-lo”⁶⁴, ou seja, o autor em poucas linhas nos mostra que a dinâmica flexível das relações amorosa/sexuais no campo virtual encontra-se ligada a sensações dicotômicas, onde, a qualidade dá espaço a quantidade, tudo em prol da concretização dos desejos que até então encontrava-se regrada aos ideais do amor romântico, mas que, na contemporaneidade, vê-se ligada a maturação fragilizada dos sentidos. Isto se dá, pelo pouco tempo aos quais, tais sensibilidades são postas a reflexão, já que, a função central dos sites de encontros ou chats diante de sua estrutura, a princípio, seja colocar o usuário perante um variado leque de opções e por que não, posições!

⁶⁴. BAUMAN, Zygmunt. *op. cit.*, p. 77.

Tal raciocínio é visivelmente percebido dadas as variações nas salas de bate-papo, ou seja, ao amplo leque de possibilidades, onde as opções de conexões e porque não de encontros, possuem roupagens multiformes. Neste sentido, vejamos algumas destas possibilidades afetivas: “Encontros - Amantes; Encontros - Casuais; Encontros - Descasados; Encontros - Ficantes; Encontros - Marcados; Encontros - na Balada; Encontros - Outros Idiomas; Encontros – Primeiro Encontro”.⁶⁵

É possível notar, partindo das conotações de encontros descritos pelo site, a ambivalência existente na construção ideária da afetividade e sua possível relação, onde o vivenciamento afetivo podem se estabelecerem com pessoas de regiões variadas (até mesmo de outro país), mas também, podem ser instituídas para determinadas ocasiões, ou seja, momentos temporais específicos, onde os “ficantes”, os “casuais”, os “amantes” e os “baladeiros”; possibilitam momentos de contemplação de amor, carinho, gozo... mas também de solidão, medo e incapacidade! Pois, assim como os “lábios” se enlaçam num sufocante e rápido êxtase de desejo, ele se “desconectam”, haja vista que, para os envolvidos neste volúvel e frágil enlace, o imediatismo das sensações é o que lhes importam a priori, pois, como bem explicita Bauman ao discutir a vulnerabilidade dos seres pós/hipermoderno de esperar o “brilho” na tela (seja no celular ou no computador), dado a chegada de uma nova mensagem, dentre as “teclas diminutas”:

Há sempre mais conexões para serem usadas – assim não tem grande importância quantas delas se tenham mostrado frágeis e passíveis de ruptura. O ritmo e a velocidade do uso e do desgaste tampouco importam. Cada conexão pode ter vida curta, mas seu excesso é indestrutível. Em meio à eternidade dessa rede imperecível, você pode se sentir diante da fragilidade irreparável de cada conexão singular e transitória⁶⁶.

Ou seja, no campo afetivo da sociedade hiper-adjetivada, o amor viu-se diante de uma multiplicidade de sensibilidades, os amores lendários, históricos... e shakespeariano do qual se tinha a concepção amorosa regradada pelo ideário de universalidade, naturalidade, e perpetuidade; deram lugar a sensações amorosas

⁶⁵ Disponível em: www.uol.com.br/batepapo.

⁶⁶ BAUMAN, Zygmunt. *op. cit.*, p.79.

dinâmicas, voláteis, propícias a renovações, onde o ganhar e perder tornaram-se essências desta forma de se relacionar.

Assim, segundo Freire o amor “enquanto foi emblema do cuidado com as gerações, da harmonia entre ‘sexos desiguais’ e da família como ‘célula da sociedade’, guardou a ‘transcendência’ que o protegia do tempo e do uso; quando se tornou um sentimento a mais na dieta dos prazeres aquilo, passou a ser visto como qualquer coisa ou pessoa na cultura do consumo: perdeu interesse, lata do lixo!”⁶⁷

Mas fica a dúvida, até que ponto? Pois como lembra Suely Rolink em – Cartografia sentimental: transformações do desejo – os sujeitos da pós/hipermodernidade “são todos vítimas patéticas da síndrome de carência- e-captura, versão ‘amor romântico’. O que não suportam é aceitar que nenhum deles – separados ou juntos – jamais abolirá a alteridade, jamais abolirá a simulação.”⁶⁸

Sendo assim, partindo deste ponto de reflexão, pode se notar que as “conexões são rochas em meio à areia movediças.”⁶⁹, isto é, o ideário amoroso “self-service” das relações da pós/hipermodernidade, também é propício a impasses frágeis e ondulais! Isto porque, as relações estabelecidas a partir do meio virtual apresentam-se ao “internauta do amor”, uma imagem de segurança e credibilidade que lhes proporcionam uma ilusão contemplativa da possível “descoberta” de sua cara-metade, de sua alma-gêmea, de seu par perfeito... ou metade ideal! Mas que, possui por detrás desta imagem refletida, uma fragilidade afetiva dada sub-repticiamente.

Assim, como destaca Bauman, o ser humano ao confiar na solidariedade destes mecanismos de inter-relação “cibevirtuais”, “pode parar de se preocupar com o aspecto lamacento e traiçoeiramente escorregadio do termo onde está pisando quando uma chamada ou mensagem é enviada ou recebida”⁷⁰, ou seja, neste momento de interação – sujeito e sites – estes acabam tornam-se guardiões virtuais das emoções e desejos do sujeitos contemporâneos. Tal pensamento é sumariamente visualizado nos mecanismos de “marketing” dos sites de

⁶⁷ COSTA, Jurandir Freire **Introdução**. *op. cit.*, p.20.

⁶⁸ Para compreender mais, cf. ROLINK, Suely. **Roteiro de cartografias das noivinhas**. IN:_____. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo, São Paulo: Estação Liberdade, 1989, p.135.

⁶⁹ BAUMAN, Zygmunt. **Dentro e fora da caixa de ferramentas da sociabilidade**. *op. cit.*, p. 79.

⁷⁰ Idem, ibidem.

relacionamento e chats, dentre eles destacam-se os seguintes slogans, o qual, exemplificam muito bem o que estamos a analisar:

Metadeideal- aqui, relacionamento é coisa séria!⁷¹

Agora sim! A melhor opção em namoro e relacionamento online do Brasil. Confira.

- Mais seguro, completo e ANÔNIMO
- Milhares de solteiros à procura de um romance ou algo mais
- Conteúdo e ferramentas exclusivos

Encontrar um amor verdadeiro ficou mais fácil. Além de criar buscas detalhadas, veja quem mais combina com você na lista por afinidade.

Par Perfeito.Namoro é no maior site de relacionamentos do Brasil(...).Só no ParPerfeito você pode encontrar milhões de solteiros e solteiras interessantes, em busca da cara metade. Um deles pode ser exatamente quem você procura. E você pode ser exatamente quem um deles procura. O que você está esperando? Junte-se ao maior serviço de namoro do Brasil. Cadastre-se agora mesmo e divirta-se!⁷²

Diante da análise destes sites, pode-se também verificar que no tocante a dinâmica do relacionar-se e desligar-se, ou seja, estabelecer um “compromisso a longo prazo, é a maior armadilha a ser evitada no esforço por ‘relacionar-se’⁷³.”, nada mais compreensível, haja vista que no ideário amoroso propagado á sociedade hiper-adjetivada, o ser humano poderá mesmo que sem quer , está “fechando a porta a outras possibilidades românticas talvez mais satisfatórias e completas.”. Ou seja, prender-se a um único ser poderá, tira-lhe a chance de interagir com outros mais interessantes, neste contexto, destacam-se mensagens como – “Adicionar a pretendentes”⁷⁴; “Prediletos Online”⁷⁵ e “São mais de 10 milhões de usuários cadastrados, uma média de 10 mil novos usuários *se cadastrando a cada dia*.”⁷⁶ –

⁷¹ Disponível em: www.uol.com.br/batepapo

⁷² Disponível em: www.parperfeito.com.br

⁷³ BAUMAN, Zygmunt. **Prefácio**. *op. cit.* , p. 10

⁷⁴ Disponível em: www.uol.com.br/batepapo

⁷⁵ Disponível em: www.parperfeito.com.br

⁷⁶ Idem.

mostra-nos o variado leque de possibilidades afetivas. Assim, ligar-se apenas um é bobagem... liga-se a muitos é probabilidade maior de dentre dezenas/milhares de pessoas conectadas, encontrar algum(s)/alguma(s) que possam satisfazer e conseqüentemente mostrar-lo(a)s as “delícias” do amor!

Nesta sensibilidade “virtualizada”, o “outro lado da moeda da proximidade virtual é a distância virtual: a suspensão, talvez até a anulação, de qualquer coisa que transforma a contigüidade topográfica em proximidade. A proximidade não exige mais a contigüidade física; a contigüidade física não determina mais proximidade”⁷⁷ – enfatiza Bauman; sendo assim, o “real” – corpóreo, presencial, face-a-face, conflitua-se com o virtual, tornando-se para muitos a mascaralização da realidade.

Para compreender melhor tal pensamento, é necessário se fazer uma breve reflexão sobre o conceito de “virtualidade”, ou seja, discutir mesmo que sem grandes “delongas”, a compreensão teórica que se faz entorno desta terminologia; visto que, este trabalho de pesquisa não têm por objetivo discutir as problemáticas existentes entorno de tal conceito, mas apenas apresentar ao leitor de forma simplória sua possível interferência na consolidação das relações amorosas, estas dadas por meio da “rede-das-redes” – a Internet.

Carlize Nascimento no texto – Virtualidade, realidade, desterritorialização – discute, a partir de diversos teóricos as percepções existentes entorno da “virtualidade” dentre eles, destaca-se o pensamento de Pierre Lévy⁷⁸, o qual, estipulou três significações a palavra virtual: a técnica – onde o virtual se caracteriza pela processo de digitalização; a do bom senso – onde o virtual é imagético, irreal, intangível; e por fim, a filosófica – no qual, o virtual existe, porém sem a concretização efetiva ou formal, ou seja, o virtual não seria o antônimo do real, mas apenas uma forma diferenciada de vivencia-la.

Outro teórico destacado pela autora será Jean Baudrillard⁷⁹ e seu livro “A ilusão virtual”, onde o autor embora não conteste o entendimento filosófico defendido por Lévy, acabou apontando o virtual como sendo o “assassino do real”, pois

⁷⁷BAUMAN, Zygmunt. **Dentro e fora da caixa de ferramentas da sociabilidade**. *op. cit.* p. 79.

⁷⁸LÉVY, Pierre citado por NASCIMENTO, Carlize Regina Ogg. **Tecnologia e Sociabilidade**. *op. cit.*, p.64.

⁷⁹BAUDRILLARD, Jean citado por NASCIMENTO, Carlize Regina Ogg. **Tecnologia e Sociabilidade**. *op. cit.*, p.66.

esperava-se que tal situação se modificasse com o tempo, ou seja, o virtual tornasse real!

A partir destas breves linhas reflexivas pode-se compreender que, neste momento de liquidez social, sejam elas afetivas ou não, o virtual acabou condicionando a percepções amplamente variáveis/moduláveis, ou seja, a idéia de que a virtualidade é outra forma de vivenciar o real, possibilitou que os contatos sejam realizados em menos tempo e sem maiores esforços, conseqüentemente sejam igualmente rompidos, já que neste contexto “ os espasmos da proximidade virtual terminam, idealmente, sem, sobras nem sedimentos permanentes. Ela pode ser encerrada, real e metaforicamente, sem nada mais que o apertar de um botão.”⁸⁰

Neste diapasão, Bauman ao tratar da chamada por ele de “proximidade virtual” explicita que a comunicação virtual e relacionamento romperam laços, isto é, diferentemente dos habituais encontros, onde o diálogo presencial possibilitavam uma convivência e porque não, um envolvimento amoroso; aquela para existir, segundo o sociólogo, não precisa mais ser estabelecida anteriormente, ou seja, não há necessidade de pré-vínculos. Sendo assim, conectar-se é menos custoso...e conseqüentemente menos produtivo!

Nesta perspectiva, termos como – interatividade, interativo e interação social – ⁸¹ ganham novos sentidos diante da fluidez do relacionar e/ou conectar-se, isto é, passam a exprimir a dinâmica da mutabilidade de pensamentos e sensações, pois a interação não se dá entre ferramentas, mas entre pessoas, cujas ações e reações têm um sentido dúbio – particular e público – onde este se configura a partir da prática interpessoal, e aquela pela configuração pessoal de seus “blogs”, “home - page”, sejam elas, intencionais (configurada pela pesquisa via site de possíveis amores/amantes), ou mesmo aos moldes da mera curiosidade.

Outro ponto propício a discussão neste convívio virtual, será, a construção de uma identidade a partir dos recursos disponíveis nos sites de relacionamento e chats como os chamados interfaces – “elementos visuais, como cor e formato do site, os ícones coloridos e a maneira como estes estão dispostos, as imagens postadas

⁸⁰ BAUMAN, Zygmunt. *op. cit.*, p. 82.

⁸¹ Termos utilizados por Carlize Nascimento, para melhor exemplificar a dinâmica da sociabilidade afetiva na Internet.

pelos próprios usuários e códigos da linguagem escrita⁸² – que além de disponibilizarem ao seus usuários infinitas possibilidades de criação de laços e compartilhamento de interesses, estes veículos de comunicação oferecem concomitantemente a estes, um local onde podem “formular” uma “identidade”, ou melhor, um perfil on-line, dando-lhes assim, um ambiente onde é possível mascarar-se!

Partindo deste entendimento, Nascimento destaca o pensamento de Goffman, no qual, este problematiza as estratégias de controle de impressões utilizadas pelo indivíduo na sua vida social. Para este autor, os seres humanos tendem a modular sua identidade no intuito de causar no outro uma impressão o qual lhe agrada, ou seja, buscam-se maquiar/mascarar-se para despertarem no outro uma imagem positiva e interessante. Com a Internet não poderia ser diferente!

Na web, ou melhor, nos sites de relacionamento e “chats”, a percepção de uma “identidade” volúvel, fragmentada e líquida é apreciada facilmente por quem o olha com outros olhos, visto que, o pensamento individualista característico da sociedade pós/hipermoderna onde o sujeito “não possui uma identidade única, fixa, essencial ou permanente. Ao contrário, possui ‘identidades’ editadas conforme a necessidade do contexto”⁸³, vê nestes espaços de inter-relação a grande oportunidade, haja vista que, o sujeito pode ser aquilo que desejar, inclusive ele próprio, desde que o contexto seja conveniente!

Ícones pré-estabelecidos facilitam tal “mascaralização” do real, isto é, configuração de cadastro e/ou perfil, possibilitam aos futuros “internautas do amor” uma maneira prática, ágil, colorida e simplória de se camuflar! E de permanecerem por algum tempo, ou porque não sempre, no anonimato. Para melhor compreender melhor esta formulação de uma identidade virtual, vejamos como os sites as colocam:

⁸² ASSIS, Ana Borges de; ROJO, Marina Luiza, & DIAS, Cláudia Latorre Fortes. Orkut: vitrine de imagens. Disponível em: <http://www.cibersociedad.net/congres2006/gts/comunicacio.php?lenguage=po&id=330>. Acessado em 18 de agosto de 2008.

⁸³ HALL, Stuart citado por CIVILETTI, Maria Vittoria Pardal e PEREIRA, Ray. **Pulsões contemporâneas do desejo: paixão e libido nas salas de bate-papo virtual**. Disponível em:

Crie seu PERFIL⁸⁴ (MODELO 1)

É rápido, grátis!

Minhas características:

Intenção

(Máximo de 2 opções)

- Relacionamento/Romance-sério
- Sexo
- Amizade/Diversão
- Relacionamento/Romance casual

Altura:

Peso:

Físico:

Tom de pele:

Peso:

Estado civil:

Minha religião:

Quanto à prática religiosa:

Filhos, hoje:

Filhos no Futuro:

Renda mensal:

Formação:

Criando o meu Perfil⁸⁵ (MODELO 2)

Frase de Chamada (campo obrigatório):

Exemplos:

1. Médico amante da natureza procura namorada;
2. Para quem procura diversão, venha me conhecer;
3. Olhos penetrantes, coração ardente.

Descrição do seu corpo:

Exemplos:

- 1- Estilo: gordinha, pele bronzeada, seios grandes, pernas grossas, rosto simpático e olhar sensual.
- 2- Tenho um corpo firme, violão, seios pequenos, pele lisa e bonita, coxas grossas, olhos penetrantes e cabelos sedosos.
- 3- Meu corpo é sarado, tenho ombros largos e braços fortes, rosto bonito e pernas musculosas.

Vejam que questões como tipo físico, estado civil, religião, filhos, escolaridade... e até renda mensal, bem como, o tipo de relação do qual quer se conectar; são neste meio líquido da proximidade virtual, requisitos necessário de serem preenchidos, porém, a forma com as pessoas iram se descrever é visivelmente modulável, isto é, controlável, maquiável... enfim, propícios a serem modificados a partir do que se procura e do que se quer transparecer para o(s)

⁸⁴ Modelo de perfil retirado no "chat" Metade ideal! da UOL. Disponível em: www.uol.com.br/batepapo. do qual, foram feitas adaptações para melhor visualização.

⁸⁵ Modelo retirado do site Par perfeito. Disponível em: www.parperfeito.com.br

outro(s); estes, candidatos a uma relação por vezes dinâmica, por vezes alegórica! “Dessa maneira, o perfil, com todos os seus recursos disponíveis, constitui uma forma de representação do sujeito dentro da rede. O usuário, ao criar o seu perfil está, na verdade, representando um papel dentro do ambiente no qual ele se encontra (...)”⁸⁶.

Neste diapasão, o uso de apelidos – nicknames – possibilita aos futuros “enamorados” utilizar um nome “fantasioso”, o qual dará ao “internauta do amor” uma segurança quanto sua verdadeira identidade. “Por trás de tal recurso tecnológico, encontra-se um indivíduo que, por meio de um vídeo e um teclado, às vezes uma webcam e um microfone, chega a passar horas seguidas “hipnotizado” pelas fantasias advindas dessa interação. O anonimato do chat oferece um grande “escudo” defensivo. Por detrás de um nick (apelido), o sujeito se sente protegido, já que sua apresentação física não é exposta.(sic)”⁸⁷

Esse possível anonimato como bem explicita Nicoli da Costa, pode torna-se um facilitador para exposição sem “pudores” dos desejos, prazeres, gostos e gozos! Contudo, este momento poderá também “gorar” relacionamentos, ou seja, torna-se um obstáculo para possíveis pretendentes, já que, segundo os discursos difundidos pelos sites, a possibilidade de conquistar poderá ser diminuída caso imagens/fotos não sejam postas a amostra. Assim sendo, o site de encontros “Par Perfeito” adverte: “Os Perfis com fotos são, em média, 10 (dez) vezes mais visitados do que os perfis sem fotos.”⁸⁸

Contudo, diante do que foi discutido até o presente momento fica a interrogação de que tipo físico, qual feição, profissão... com quem se quer conectar? Ou seja, qual o “tipo” de pretendente se quer conversar, trocar carinhos, desejos; mesmo que virtualmente, ou não tão virtualmente assim! Para tanto os sites disponibilizam aos “internautas do amor” descrições pré-estabelecidas que lhes ajudam nesta árdua, mais necessária, descrições do seus enamorados(as) queridos(as). Vejamos como o Par perfeito descreve tal possibilidade:

⁸⁶ ASSIS, Ana Borges de; ROJO, Marina Luiza & DIAS, Cláudia Latorre Fortes. **Orkut: vitrine de imagens.** *op cit.*

⁸⁷ RIO, Claudio de Almeida. **Salas de bate-papo na Internet: fantasia, fracasso e gozo.** Disponível em: http://www.psicologia.com.pt/artigos/ver_opiniao.php?codigo=AOP0109. Acessado em 18 de agosto de 2008.

⁸⁸ Disponível em: www.parperfeito.com.br

Quem está no ParPerfeito? A resposta a essa pergunta é mais simples do que você imagina. Pessoas de todas as raças, credos, cidades, características físicas e de personalidade. Pessoas como você, que ainda buscam aquele alguém especial, e que descobrem, dia após dia, o poder que a internet tem de encurtar distâncias e construir, sim, relacionamentos reais, sólidos e duradouros. São centenas de histórias de sucesso.

Fazer parte do ParPerfeito é muito fácil. Basta criar um perfil e escolher uma foto. Preencha as suas características e diga exatamente como deve ser a pessoa que você quer namorar. O ParPerfeito possui um avançado sistema de cruzamento de dados, e se encarregará de unir essas informações e selecionar perfis compatíveis com o seu. Você receberá uma seleção com esses perfis em seu e-mail, e poderá se comunicar com eles. Você também pode fazer buscas avançadas, listando exatamente o que deseja encontrar, e salvá-las para consultas futuras.

Após definir exatamente o que você deseja encontrar, começa a diversão: você pode mandar até 500 e-mails por dia, salvar os perfis que achar interessantes na sua lista de prediletos, conversar pelo PapoDireto e muito mais! (grifos nossos)⁸⁹

Diante das linhas acima destacadas, percebam que o site imbui no imaginário do internauta que o conecta que é possível via internet encontrar e estabelecer vínculos “sólidos e duradouros”, com pessoas assim como ele(a), que neste mundo líquido possui dúvidas, desejos, medos, angústias, solidão, amor, gozo...! Ou seja, apresenta a estes candidatos, o amor como “remédio” a fragilidade ao qual encontra-se inserido. Projetam um amor ainda com resquícios romanescos, onde este expõe o ser que dele contempla o ideal sublime, mágico e misterioso, ou seja, “o amor como ideal de perfeição ética e estética(...)”⁹⁰. Contudo, este mesmo pensamento mostra-nos um outro lado, haja vista que, este mesmo ideal romanesco de viver e sentir o amor é colocado em cheque quando ele se vê diante de infinitas possibilidades, isto é, seu caráter único e eterno vê-se triturado a múltiplas possibilidades, a múltiplos amor. O plural toma o que até então pensava-se que era singular!

Outro ponto destacável no texto em foco, é a nova concepção de relacionar-se, isto é, o modelo corporal dado face-a-face dá espaço ao “cruzamento de dados”. Ou seja, o cruzamento de corpos deixa de ser *a priori* necessário e determinante neste espaço de afetividade virtualizada, pois a comunicação face-a-face é

⁸⁹ Texto retirado do site de relacionamento Par Perfeito, disponível em: www.parperfeito.com.br

⁹⁰ COSTA, Jurandir Freire. **Utopia sexual, utopia amorosa.** *op. cit.* p. 70.

substituída pela comunicação de perfis pré-existentes e que dado ao seu embaralhamento digital separam-se para o (a) internauta aqueles/aquelas que mais se aproximam do que ele(a) considerou “perfeito ou ideal” para se conectar.

Tal percepção pode ser compreendida a partir do pensamento de Solomon, o qual, segundo Freire, entendia que a relação amorosa era antes de tudo lugar de repouso, ou seja, local onde o sujeito moderno (pós/hipermoderno) ganha mesmo que por algum tempo a certeza que o pacifica e o inquieta da reconstrução de si, porém sem a certeza do amanhã⁹¹. “Ao inventar o amor romântico, inventamos um remédio para a cisão precoce entre o indivíduo e a tradicional orientação holística da cultura. O eu moderno, o eu contingente da intimidade, da privacidade e da solidão tem de recorrer ao amor para conseguir a estabilidade que, de outra forma, dificilmente seria obtida.”⁹²; ou seja, o amor no contexto contemporâneo tornou-se uma infusão necessária mais também proliquisa a ser renovada diariamente.

Desta maneira, destaca-se outro ponto do pensamento de Solomon – a banalização do amor⁹³ – donde para tal pensador as experiências amorosas foram transformadas na atualidade em “técnicas de gerenciamento”, isto é, o amor tornou-se um exercício a ser aprimorado a cada dia, pois só desta forma poderá-se-a aperfeiçoar, e conduzi-lo a vida em comum com os parceiros aos quais satisfazem as ansiedades existentes naquele momento.

Trazendo tal pensamento para o contexto dos sites de relacionamentos, esta “banalização dos sentimentos” é visivelmente notado quando os internautas podem destacar e descartar entre 500 e-mails recebidos por dia os considerados por ele(a) – “prediletos”.

O que se percebe no geral, a partir de tais imagens, é que o Amor (re) modulou-se em imagens inconstantes. O ideal de amor romântico ganhou uma nova roupagem, com características singulares em que desejar, ter, ficar ou deixar de lado encontra-se presentes no pensamento e nas sensibilidades dos homens e mulheres hipermodernas.

Neste sentido, a flexibilização das relações afetivas expõe de forma clara e objetiva a fluidez com que se idealiza o amor e a sexualidade na

⁹¹ SOLOMON, Robert C. citado por COSTA, Jurandir Freire. **Sobre a gramática do amor romântico.** *op. cit.* p. 200.

⁹² *Idem*, p. 201.

⁹³ *Idem*, p.204.

contemporaneidade; onde a busca pelo ideal (izado) perdura em nossos corações e mentes; porém agora com maior dinamismo. Mas fica a interrogação até que ponto?

Charles expõe que, a “hipermodernidade funciona mesmo segundo a lógica da reciclagem permanente do passado, e nada parece escapar a seu domínio”⁹⁴. Trazendo tal pensamento para nossa temática, nota-se que por mais que a pós-modernidade tenha tentado “libertar” o homem e a mulher de ícones de ideias disciplinarizadores; acabamos hoje nos retendo a elas, isto é, buscamos desfreadamente “sentido” a nossa própria inconstância, seja ele em que campo social for.

No caso especial da afetividade, pareci-me que é mais urgente e inquietante, haja vista que apesar de negarmos muitas vezes a sua imagem “romântica”, procuramos-as desesperadamente, aquele(a) pessoa que irá nos tirar da solidão em meio a multidão que a pós/hipermodernidade nos coloca diariamente. Afinal de contas, “hoje, mais do que nunca, o amor é o maior e melhor remédio para a crise por que passa a humanidade.”, Então amemos mais! Mesmo que por um curto período de tempo!

⁹⁴ CHARLES, Sébastien. **O individualismo paradoxal: Introdução ao pensamento de Gilles Lipovetsky**. In: LIPOVETSKY, Gilles. Os Tempos Hipermodernos. Tradução Mário Vilela. São Paulo: Ed. Barcarola, 2004, p.33

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Amparo Capelato finaliza seu texto “No princípio, era sexo.” com o seguinte relato – “Uma mistura de olhares doces ou ferozes se interpõem ao alvoreço biológico do prazer intenso (...) sobre ele paira um mais além, uma vontade de eternização, um gosto de infinito, uma transposição de corpos e uma mistura de eus. Química existencial onde ninguém é mais ninguém. É fusão. É soma. É encontro.”

Deparando-me com este fragmento de pensamento pude compreender questões que até pouco tempo eram embaraçadas para mim, questões que a princípio podem parecer simplórias... mas que com o decorrer dos dias nota-se que ela é bem mais complexa do que parece.

Indagava-me como dois seres com vidas distintas, gostos por vezes parecidos mais não idênticos; personalidades diferentes... enfim, vidas opostas (esta no sentido de serem pessoas singulares) podem se atrair, se desejarem, se apaixonarem... se conectarem! Que sentimento é este que há anos por muitos estudiosos – filósofos, médicos, sociólogos, historiadores, psicanalistas – busca-se uma definição, uma codificação... um entendimento mesmo que sensível ao que se mostra tão fluido e imperceptível. Que “estado de espírito” é este, que nos empalidece, nos alegra, nós proporciona prazer, mas também, nos sufoca nos entristece, nos magoa.

Questões assim, sempre fizeram parte do imaginário de muitos seres que amam e desamam. Comigo não seria diferente! Assim, diante de tantos questionamentos estudar (mesmo que não tão minuciosa como poderia ou deveria ter sido realizado), o amor partindo do entendimento volúvel, dinâmico, finito... enfim, líquido! Possibilitou-me desatar nós que até aqui permaneciam “cegos”!

Neste contexto de pensamento, eis que destacou-se o historiador(a)/ pesquisador(a)/autor(a), com a problemática de (re) produzir discursos, ou seja, de questionar problemáticas que até pouco tempo não seriam para a historiografia tradicional, tema a ser investigado, isto é, análise dita por eles “científicas”. Mas que nos dias de hoje, mostram-se partículas do cotidiano de uma sociedade hiper-adjetivada que merecem ser postas a análise, por conseguinte, devem ser refletidas pela academia.

Nesta perspectiva, o amor foi posta a mostra, com suas faces e disfarces! Imagens e entendimentos que se destacaram-se em meio as “metamorfoses

sociais”. O amor seja ele – divino, laico ou romântico – quando questionado, mostrou-se frágil, volúvel, ambivalente... Enfim, líquido! Mas não nos enganemos, suas pegadas ainda estão presentes no imaginário amoroso da sociedade hipermoderna.

Assim, o virtual mostrou seu lado real, e o real mostrou seu lado virtualizado. Pois sensações como amor-paixão-desejo, podem e são por muitas vezes recolocadas a espaços que para alguns não passam de “ícones”, mais que para outros apenas tornaram-se mais uma forma de ser sentida, ou seja, tornaram-se mais uma possibilidade de ser deliciada – consumada!

Assim, o amor do hiper mundo se refez e se refaz a cada dia, e cabe a nós historiadores (as), compreende-lo como inter-relação entre homens e mulheres, mais também como uma inter-relação entre a produção acadêmica historiográfica e entendimento comum social, haja vista que como bem destacou Certeau – operadores da História.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **As sombras do tempo**. In: ERTZOGUE, Maria Haizenreder & PARENTE, Temis Gomes *et alii* (orgs). História e Sensibilidade. Brasília: Paralelo 15, 2006, p.

ASSIS, Ana Borges de & ROJO, Marina Luiza *et alii* . **Orkut: vitrine de imagens**. Disponível em: <http://www.cibersociedad.net/congres2006/qts/comunicacio.php?lengua=po&id=330>. Acessado em 18 de agosto de 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BAZZANEZI, Carla. **Mulheres dos Anos Dourados**. In: DEL PRIORE, Mary (org). História das Mulheres no Brasil, 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2000, p. 607 - 639.

CARIDADE, Amparo. **No Princípio, Era Sexo**. In:_____. Sexualidade: Corpo e Metáfora. São Paulo: Iglu, 1997, p. 22 – 29.

CHARLES, Sébastien. **O individualismo paradoxal: Introdução ao pensamento de Gilles Lipovetsky**. In: LIPOVETSKY, Gilles. Os Tempos Hipermodernos. Tradução Mário Vilela. São Paulo: Ed. Barcarola, 2004, p. 13 – 48.

CIVILETTI, Maria Vittoria Pardal e PEREIRA, Ray. **Pulsações contemporâneas do desejo: paixão e libido nas salas de bate-papo virtual**. Psicol. cienc. prof. [online]. mar. 2002, vol.22, no.1 [citado 01 Setembro 2008], p.38-49. Disponível em:http://pepsic.bvspsi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932002000100006&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1414-9893. Acessado em: 18 de agosto de 2008

CONCHE, Marcel. **A análise do amor**. In:_____. A Análise do Amor: e outros temas. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1998, 09 – 28.

COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.

DELA COLETA, Marília Ferreira & GUIMARÃES, José Luiz. **O amor pode ser virtual? O relacionamento amoroso pela Internet**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722008000200010&lng=pt&nrm=iso. Acessado em 18 de agosto de 2008.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. **Cartografia da sensibilidade**. In: ERTZOGUE, Maria Haizenreder & PARENTE, Temis Gomes *et alii* (orgs). História e Sensibilidade. Brasília: Paralelo 15, 2006, p.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso** – Aula Inaugural no Collège de France Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

HALL, Stuart. **Nascimento e morte do sujeito moderno**. In:_____. A identidade cultural na pós – modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. 4ª edição. Rio de Janeiro: D P& A Editora, 2000, p.23 – 46.

LANGUE, Frédérique. **O Sussurro do tempo**. In: ERTZOGUE, Maria Haizenreder & PARENTE, Temis Gomes *et alii* (orgs). História e Sensibilidade. Brasília: Paralelo 15, 2006, p.

MAFFESOLI, Michel. **O retorno das emoções sociais**. In: SCHULER, Fernando & DA SILVA, Juremir Machado (orgs). Metamorfoses da cultura contemporânea. Porto Alegre: sulina, 2006, p.27- 46.

MAGALHÃES JUNIOR, Antonio Germano. **O Historiador: suas escolhas teóricas e a utilização da oralidade e da memória como linguagem da História**. In: _____ & VASCONCELOS, José Gerardo (orgs). Linguagens da história, Fortaleza: Impreca, 2003, p.33 – 42.

MARSHAL, Berman. **Modernidade ontem, hoje e amanhã**. In:_____. Tudo que é sólido se desmancha no ar. São Paulo: CIA das Letras, 1999.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Por uma história das sensibilidades: em foco a masculinidade**. p. 45 – 63. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/view/2658/2195>.

MILLES, Rosalind. **Papéis sociais na raiz da identidade sexual**. In: VON WOSS, Monika. Feminino + Masculino – Uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades. São Paulo: Escrituras, 2000, p.153 – 174.

NASCIMENTO, Carlize Regina Ogg. **Do amor em tempos de Internet: análise sociológica das relações amorosas mediadas pela tecnologia**. Dissertação de Mestrado. Curitiba, 2007. 147.Dissertação(Mestrado em Sociologia) – Setor de Pós-graduação, Universidade Federal do Pará. Disponível em: <http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/handle/1884/12128>

PAIVA, Eduardo França. **Introdução: Renovação na historiografia e na sala de aula**. In: _____. História & Imagem. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2002, p.11 – 34.

RIO, Claudio de Almeida. **Salas de bate-papo na Internet: fantasia, fracasso e gozo.** Belo Horizonte, 2007.[online]. Disponível em: http://www.psicologia.com.pt/artigos/ver_opiniao.php?codigo=AOP0109. Acessado em 18 de agosto de 2008.

ROLINK, Suely. **Roteiro de cartografias das noivas.** In:_____. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo, São Paulo: Estação Liberdade, 1989, p.124 -264.

SCHULER, Donaldo. **Pós-modernidade: ruptura ou continuidade?** In: SCHULER, Fernando & SILVA, Juremir Machado da (orgs). Metamorfoses da Cultura Contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2006, p.19 – 24.

SILVA, Juremir Machado da. **O fim das palavras e as palavras do fim: neomodernidade, pós-modernidade ou hipermodernidade?** In: SCHULER, Fernando & _____. (orgs). Metamorfoses da Cultura Contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2006, p.19 – 24.

TEIXEIRA, Jorge Alvício da Silveira & TEIXEIRA, Maria Izabel de Andrade. O Melhor negócio é amar! **Mundo Jovem: um jornal de idéias.** Porto Alegre, n.391, p.21, outubro, 2008.

TRIPOLI, Suzana. **A questão da temporalidade na sociedade atual.** In:_____. A arte de viver do adolescente. Coleção Estudos Acadêmicos. São Paulo: Arte & Ciência, 1998, p.25 – 52.

VAINFAS, Ronaldo. **O imaginário do amor: erotização de Deus, espiritualização da carne.** In:_____. Casamento, amor e desejo no ocidente cristão. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1992, p.49 a 56.

VORRABER COSTA, Marisa. **Sujeitos e subjetividades nas tramas da linguagem e da cultura.** In: _____. Cultura, linguagem e subjetividades no ensinar e no aprender. 2ª Ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2001, p. 29 – 46.